

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



# **DISSERTAÇÃO**

**ENTRE A LAGUNA E O OCEANO: HISTÓRIAS DE UM FUTEBOL**

**Leonardo Costa da Cunha**

**Pelotas, 2012.**

**Leonardo Costa da Cunha**

**ENTRE A LAGUNA E O OCEANO: HISTÓRIAS DE UM FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação Física – Memória, Cultura e Sociedade.

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo**  
**Co-orientadora: Prof. Dra. Méri Rosane Santos da Silva**

**Pelotas, 2012.**

**Banca examinadora**

Prof. Dra. Méri Rosane Santos da Silva – FURG.

Prof. Dra. Lorena Almeida Gill – UFPel.

Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo – UFPel.

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva – UFMG.

**Já disse uma vez e repito,  
tirem tudo do povo nortense,  
só não tirem o futebol!  
(Altemir Lima – radialista)**

## RESUMO

Com minha relação pessoal com o objeto de estudo, somada às inquietudes de pesquisador, a dissertação – Entre a Laguna e o Oceano: histórias de um futebol – busca compreender como se constitui o futebol amador em São José do Norte, assim como o significado desse futebol para a comunidade local. Tal estudo foi elaborado através de dois artigos, que apesar de se complementarem, são independentes. O primeiro, intitulado “Outros tempos, outro futebol: o campeonato amador de São José do Norte”, trata dos acontecimentos históricos do campeonato municipal de futebol amador de São José do Norte, cidade localizada no litoral sul do Rio Grande do Sul – Brasil. Esse discorre sobre fatos ocorridos desde o primeiro campeonato, 1959, até o ano de 2011, demonstrando as relações sociais produzidas pelos clubes de futebol amador em suas comunidades, assim como a influência econômica, tanto no auge como no declínio do futebol do município e a introdução de jogadores de outras cidades no futebol local. O segundo artigo, intitulado “De um clube comunitário a um time vencedor: as relações sócio/históricas do Sport Club Barrense”, discorre sobre a história do clube de futebol mais antigo em atividade do município. Fundado em 18 de outubro de 1931, o S.C Barrense pertence à localidade da Povoação da Barra, que se caracteriza por uma comunidade de pescadores, distante 16 quilômetros do centro da cidade de São José do Norte. Analisando seus 80 anos de história, o estudo demonstra dois momentos bem distintos do clube: de uma entidade com forte apelo social na comunidade até os anos 80, o clube passa, a partir dos anos 90, a dar prioridade à formação de equipes competitivas para a disputa do campeonato amador de futebol, reinventando sua relação com a comunidade.

Palavras-chave: Futebol Amador. História Oral. São José do Norte.

## **ABSTRACT**

With my personal relation with the object of study, added to the concerns of researcher, the dissertation – *Entre a Laguna e o Oceano: histórias de um futebol* – tries to understand how the amateur soccer was settled, as well as the meaning of this soccer to the local community. This study was elaborated through two articles that, even they complement each other, are independent. The first one, named “*Outros tempos, outro futebol: o campeonato amador de São José do Norte*”, talks about the historical events of the amateur soccer league city of São José do Norte, city located on the southern coast of Rio Grande do Sul – Brazil. This one talks about the events since the first championship, in 1959, until the year of 2011, showing the social relations created by the amateur soccer clubs in their communities, as well as the economic influence, both the peak and in decline of the city soccer and the insertion of players from other cities in the local soccer. The second article, named “*De um clube comunitário a um time vencedor: as relações sócio/históricas do Sport Club Barrense*”, talks about the history of the oldest football club in activity of the city. Founded in October 18th, 1931, S.C Barrense belongs to Povoação da Barra locality, which is characterized as a fishermen community, 16km distant from the city center of São José do Norte. Analyzing its 80 years of history the study shows two distinct phases of the club: from an entity with a strong social appeal in the community to the 80's, the club starts, from de 90's on, to prioritize the creation of competitive teams to the dispute of the amateur championship football, reinventing its relationship with the community.

Keywords: Amateur Soccer. Oral History. São José do Norte.

## **APRESENTAÇÃO**

Esta dissertação, intitulada “Entre a Laguna e o Oceano: memórias de um futebol”, trata do futebol amador de São José do Norte, município localizado no litoral sul do Rio Grande do Sul – Brasil. O título faz referência à localização geográfica do município, que se caracteriza por uma faixa de terra estreita e alongada onde, de um lado, se encontra a Laguna dos Patos e, do outro, o Oceano Atlântico.

Tal estudo busca compreender como se constitui o futebol amador em São José do Norte, assim como o significado desse futebol para a comunidade local. Para isso, a dissertação foi elaborada através de dois artigos, que apesar de complementares são independentes.

O primeiro discorre sobre a história do campeonato de futebol amador de São José do Norte, suas transformações ao longo do tempo em relação às mudanças sociais e econômicas pelas quais passou o município e, consequentemente, a competição.

O segundo artigo foca-se no clube de futebol mais antigo em atividade no município, o Sport Club Barrense, que pertence à localidade da Povoação da Barra, distante cerca de 16 quilômetros do centro da cidade. O clube foi fundado em 18 de outubro de 1931 e passou por diversas mudanças no que diz respeito a sua relação com a comunidade local, tanto no âmbito social como na prática do futebol em si.

Para tal investigação se fez uso da História Oral, através de seis entrevistas, sendo três sobre a história do campeonato municipal de futebol amador de São José do Norte e outras três sobre o Sport Club Barrense. Além dos depoimentos, se fez uso de análise documental, como dos registros do Departamento Municipal de Esportes de São José do Norte, dos documentos e registros do S.C Barrense, de web sites que publicam matérias sobre o futebol desse município, além de jornais impressos tanto de São José do Norte como também da cidade do Rio Grande.

Ainda como fonte de coleta de dados, foi utilizada uma série de informações obtidas de maneira informal, junto a moradores do município, principalmente da Povoação da Barra, já que possuo uma relação muito estreita com essa comunidade, pois minhas raízes familiares são oriundas dessa localidade.

Assim, minha vivência com o futebol de São José do Norte e minha convivência com a comunidade da Povoação da Barra possibilitaram a obtenção de uma série de informações em conversas nos mais variados espaços – desde o âmbito familiar, passando pelos campos de futebol, nas sedes dos clubes, nas ruelas e nos botecos da Povoação da Barra –, que ajudaram a registrar e complementar informações, por vezes, inexistentes tanto nos documentos oficiais como nos depoimentos orais.



## NOTAS INTRODUTÓRIAS

### Partiu pro futebol!<sup>1</sup>

Ah, a vila! A vila era pra onde ele ia todo o final de semana. Nas férias então, nem pensava em voltar pra cidade, só voltava por alguma obrigação, fazia o que tinha que fazer e logo retornava.

Na vila ele formou grande parte de sua personalidade, apesar de passar muito mais tempo na cidade. Lá fez amizades verdadeiras, experimentou aventuras, aprendeu a dar valor a muitas coisas, arrumou algumas confusões e aprendeu a jogar bola.

Quando estava na vila, a luz do dia era preciosa. Acordava muito cedo, e no verão o calção era seu único traje. O café com leite preparado e servido pela avó em uma caneca enorme com um pão de ¼ de quilo era degustado com uma rapidez... tinha que aproveitar o dia.

O que falar dos pés então? Esses, quando ele estava na vila, ficavam tão encardidos que nem esfregando com um pedaço de telha de barro os clareava. O solado ficava tão duro, mas tão duro, que se poderia jogar bola num campo cheio de rosetas que ele não sentiria nada. Bem ao contrário de como estava acostumado na cidade: roupa limpa, tênis e obrigações diárias. Aquela selva de pedra o sufocava. Ir para a vila era receber a carta de alforria. Talvez ainda seja!

Na vila tinha dois campos de futebol. Em um deles ninguém podia jogar, mas todo mundo sonhava em um dia poder bater uma bolinha lá. Era o campo do time da vila que disputava o campeonato. Campo grande, bonito, grama verdinha, lugar onde até então ele e seus amigos só iam pra torcer pelo time. A única possibilidade de bater uma bolinha naquele campo era quando o time da vila jogava e a gurizada, que estava lá torcendo, passava por entre os arames da cerca e invadia o gramado quando terminava o primeiro tempo. A gurizada ficava enlouquecida chutando naquela baita trave, com rede e tudo. Mas aqueles 15 minutos passavam tão rápido...

---

<sup>1</sup> A crônica fez parte de uma produção referente à disciplina de Esporte e Cultura, ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo, no Programa de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. A partir dessa crônica, narrando-a através de outro eu, como um sujeito que me visse de fora, deixei transparecer a estreita relação que possuo com o futebol de São José do Norte, em especial com o Sport Club Barrense e a comunidade da Povoação da Barra, lugar onde possuo minhas raízes familiares e afetivas. Além disso, a crônica demonstra minimamente minha trajetória acadêmica, justificando essa vontade – e por que não dizer necessidade – de estudar o futebol.

O outro campo ficava bem no meio da vila, era um campo de 7, onde a gurizada, ou melhor, os homens que gostavam de jogar um futebolzinho se reuniam no final da tarde. “Hoje tem osso no Açúcar!” Osso era como chamavam o jogo. A frase que mais se ouvia no fim de tarde era: “Vamo pro osso?”. Já Açúcar era como chamavam o campinho, isso tudo porque um dia alguém falou que era só o pessoal escutar o barulho da bola que iam correndo para o campo igual a formiga no açúcar. E isso fazia sentido, dificilmente se precisava chamar alguém em casa, aquele tum tum tum da bola somado a alguns gritos, vaias e gargalhadas eram um chamado.

Quando o campo estava com muita gente, a gurizada menor não tinha vez e se contentava a ficar batendo bola atrás da trave do Açúcar ou esperava o sol começar a cair para que os veteranos comessem a cansar e sair do jogo. Mas daí os mais habilidosos eram escolhidos. E ele não estava entre os mais habilidosos!

Talvez por isso ele tenha desenvolvido outra habilidade. Não sei se por gosto ou por necessidade, mas ele começou a jogar de goleiro. Pro goleiro sempre tinha vaga. O bom é que ele já ia pro Açúcar sabendo que jogaria e, às vezes, olhava para o lado do campo e via seus amigos esperando uma oportunidade para entrar no jogo. Por vezes, a dúvida era enorme: jogar no Açúcar com os grandes ou bater uma bolinha com os amigos? Algumas partidas no Açúcar ficavam muito sérias e em alguns momentos era mais divertido jogar com os amigos em traves feitas com pedacinhos de pau.

Mas não é que a ideia de virar goleiro até que deu certo?! Ele começou a se destacar como goleiro no Açúcar. Magro, ágil, pernas e braços compridos, quem poderia ser melhor numa trave de futebol de 7? A área de areia, com algumas rosetas nos lados, a rede toda furada e os cachorros atravessando o campo. Nesse espaço ele já imagina seu destino. Primeiro ser chamado para ser o goleiro do time da vila no campeonato e poder finalmente atuar como jogador naquele campo bonito, verdinho, bem marcado com cal, as traves grandes, a rede novinha e com uma torcida apoiando o time. O seu pensamento divagava, e ele já se imaginava sendo contratado por um time profissional.

Desde então os jogos no Açúcar foram muitos, até que o sonhado dia chegou. Ele foi convidado para ser o goleiro do time da vila no campeonato de aspirantes. A reação foi indescritível, o coração parecia que saíria pela boca, a

emoção foi tanta que a possibilidade de dizer não até passou pela cabeça. Mas ele foi!

Agora o jogo era outro: dos pés descalços e sem camisa, passou-se a usar chuteiras, luvas, caneleiras e um uniforme bonito que só. Se fardar no vestiário do time era demais. Era um momento de preparação e aquele ritual de colocar passo a passo os equipamentos da “batalha” era gostoso, como era gostoso...

Ele era meio vaidoso para jogar. Colocava sempre duas meias. Primeiro ele colocava um par de meias, depois ele colocava seu par de tornozeleiras, depois as caneleiras, para aí sim o outro par de meias. Meias pretas! Digo vaidoso por que esse ritual era degustado, não era um fardamento qualquer não, esse processo era saboreado. E o banho? Ele não entrava no campo sem antes tomar um banho. Tinha que estar cheiroso para jogar.

Bom, ele jogou alguns anos, inclusive em outros times e se saiu bem como goleiro, conquistou título, ganhou troféu de menos vazado e vivenciou muitas coisas como jogador. Brigas, amizades, foto no jornal, viagens memoráveis de ônibus e também de caminhão, jogos com chuva e barro, outros com um frio de bater queixo. Mas o mais importante foi o sentimento de se jogar futebol e fazer parte de um time.

Mas aquele sonho que ele ficava imaginando a cada defesa na trave do Açúcar, de jogar no time da vila e seguir galgando seu caminho futebolístico, parou por aí. Pelo menos como jogador. Apesar de ter sido criado na vila, ele era da cidade e, diferente dos seus amigos da vila, que também conseguiram um espaço no time, ele seguiu outros rumos, precisava seguir outros rumos.

O guri que começou seus passos no futebol do Açúcar e que passou pelo jovem jogando no time da vila, tinha se tornado homem, pai e tinha que tomar algum rumo na vida. Os amigos da vila desde a época de criança já tinham sua profissão, a maioria a mesma dos pais: pescador. Mas ele não, ele nem sabia o que queria ser ou mesmo se queria ser alguma coisa.

Agora, lembro muito de uma música<sup>2</sup> que ele estava sempre escutando e cantando, e que pode ser comparada quase que simetricamente com sua vida. Ela diz o seguinte:

Johnny cresce,

---

<sup>2</sup> Trechos da música “Johnny” da Banda Ultramen.

mas é que não desaparece,  
da sua mente a vontade de jogar um futebol

Pois é, ele cresceu, mas o futebol permaneceu ali, na sua mente, talvez não mais com tanta vontade de jogar, mas o futebol ainda é seu combustível. O futebol é sua alma!

Johnny é bacana,  
Menino vivo não se engana,  
Mete "as cabeça" e passa rente,  
Faz o vestibular

De fato, ele sempre foi um cara bacana, menino vivo sim, mas com alguns enganos também. Mas ele sempre foi um cara de arriscar pra ver o que ia dar, de fato ele "metia as cabeça". Fez três vestibulares, ingressou em três faculdades, até que na terceira ele conseguiu retomar o que lhe faltava, o seu combustível chamado futebol.

Johnny estuda,  
Se forma hoje é doutor,  
mas só pensa em futebol.

Ele estudou mesmo, primeiro foi pras ciências exatas, viu que não era aquilo que queria, passou então para as ciências da terra, também não era isso, até que chegou no lugar onde ele podia retomar o futebol. Ainda não é doutor, e talvez nem tenha a pretensão de ser. Mas está no caminho!

Johnny não desiste,  
ao ver o jogo fica triste,  
sente vontade de jogar e de participar,  
E decide tira a camisa do cabide  
põe a chuteira e o calção e partiu pro futebol.

E ele não desistiu, sua vida acadêmica teve para tomar outros rumos muitas e muitas vezes e, nesses outros rumos, ficava triste sim ao ver o jogo, pois estava se afastando do que ele mais gostava. Sentia vontade de ao menos participar, já que jogar como antes não era mais possível. Então ele decidiu tirar os livros da prateleira, ao invés da camisa do cabide, e pôs a mochila nas costas, ao invés da chuteira e do calção; e partiu pro futebol.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Município de São José do Norte no mapa do RS.....	18
Figura 2 – Principais localidades de São José do Norte.....	19
Figura 3 – Transmissão dos jogos pelas emissoras de rádio no campo do G.E Beira-Mar no campeonato de 2011.....	24
Figura 4 – Reportagem sobre o campeonato nortense no jornal do Rio Grande.....	25
Figura 5 – Comunidade na sede do E.C Bonsucesso, da localidade do Barranco, em dia de jogo.....	39
Figura 6 – Ata de número 1, de 18/10/1931.....	49
Figura 7 – Vista aérea da localidade da Povoação da Barra.....	50
Figura 8 – Ata relatando a suspensão de pessoas dos bailes.....	54
Figura 9 – Festa do 53º aniversário do clube.....	55
Figura 10 – Desfile da escolha da Rainha do Futebol Amador de São José do Norte.....	56

## SUMÁRIO

<b>I – APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>II – NOTAS INTRODUTÓRIAS: Partiu pro futebol!.....</b>	<b>08</b>
<b>III- OUTROS TEMPOS, OUTRO FUTEBOL: O CAMPEONATO AMADOR DE SÃO JOSÉ DO NORTE.....</b>	<b>14</b>
1. Introdução.....	14
2. Considerações metodológicas.....	15
3. São José do Norte.....	17
4. Que futebol é esse?.....	20
5. O campeonato de futebol amador: alguns dados históricos.....	26
6. Mudanças sociais do futebol de São José do Norte.....	29
6.1 A “crise” do futebol nortense.....	29
6.2 A economia e os clubes.....	31
6.3 Os outsiders no futebol nortense.....	34
6.4 Futebol na comunidade: um espaço de sociabilidade e entretenimento.....	37
7. Histórias e curiosidades.....	40
8. Considerações finais.....	42
9. Referências.....	43
<b>IV – DE UM CLUBE COMUNITÁRIO A UM TIME VENCEDOR: AS RELAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DO SPORT CLUB BARRENSE.....</b>	<b>46</b>
1. Introdução.....	46
2. Considerações metodológicas.....	47
3. O Sport Club Barrense.....	49
4. Barrense: um clube da e para a comunidade.....	52
5. Quando a bola rola: o Sport Club Barrense em campo.....	57
5.1 O Barrense no campeonato amador de São José do Norte.....	59
5.2 S.C Barrense: uma potência do futebol amador de São José do norte.....	61
5.3 Rivalidade: Sport Club Barrense x Grêmio Esportivo Beira-Mar.....	62
6. O clube hoje.....	67
6.1 A gestão de um clube amador.....	68
7. A influência das mudanças sociais sobre o futebol amador.....	70
8. Considerações finais.....	74
9. Referências.....	75
<b>V – CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
<b>VI – NOTAS FINAIS: Fim de jogo, mas só por enquanto!.....</b>	<b>81</b>

# OUTROS TEMPOS, OUTRO FUTEBOL: O CAMPEONATO AMADOR DE SÃO JOSÉ DO NORTE

## 1- INTRODUÇÃO

Pela abrangência geográfica e pela importância sociocultural que o Futebol Moderno<sup>3</sup> (GIULIANOTTI, 2002) alcançou, podemos considerar que essa prática esportiva é um dos mais significativos fenômenos culturais de nosso tempo.

Por arrebataram um grande contingente de praticantes e de torcedores, os clubes de futebol (amadores e profissionais) caracterizam-se como lugares que produzem e representam distintos valores e significados socioculturais em diferentes países, regiões e comunidades.

Nessas perspectivas, esse trabalho tem como objetivo investigar, narrar e analisar alguns acontecimentos sócio-históricos de um futebol amador que acontece em um cordão de terra fixado entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, ou seja, no município de São José do Norte, cidade localizada no litoral sul do Rio Grande do Sul (Brasil).

Dada a grande relevância cultural que o futebol amador possui junto à população, une-se minha relação de pertencimento à comunidade e com o futebol desse município. Essa relação se dá devido ao fato de minhas raízes familiares serem oriundas de São José do Norte e estarem diretamente vinculadas a clubes de futebol. De um lado, minha família paterna ligada ao Grêmio Esportivo Beira-Mar<sup>4</sup> e do outro a materna, vinculada ao Sport Club Barrense<sup>5</sup>.

Contudo, minha relação com o futebol amador está diretamente atrelada ao S.C Barrense, que foi o clube em que tive uma convivência muito próxima como torcedor, jogador e, no momento, pesquisador.

---

<sup>3</sup> Para Giulianotti (2002), o futebol moderno se notabilizou principalmente nas décadas de 70 e 80, através das competições entre clubes internacionais, da expansão do mercado financeiro, da disseminação de jogadores de todas as partes do mundo, entre outras. Contudo, o autor já faz menção a um futebol pós-moderno que teve, entre suas características, a inserção direta da mídia televisiva, que passou a influenciar na organização das competições.

<sup>4</sup> Clube fundado em 26/10/1938, pertencente à localidade da Quinta Secção da Barra, distante cerca de 17 quilômetros do centro de São José do Norte.

<sup>5</sup> Fundado em 18/10/1931 é o clube mais antigo do município em atividade e pertence à localidade da Povoação da Barra, distante cerca de 16 quilômetros do centro de São José do Norte.

Essa relação, desde a infância, com o futebol de São José do Norte instigou-me a problematizar e registrar algumas transformações socioculturais desse esporte, pois o vivenciando, percebi as mudanças que ocorreram e continuam acontecendo no futebol amador desse município.

## **2- CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

A metodologia utilizada foi a História Oral, que através de entrevistas com pessoas que fizeram parte dos eventos do passado, nos possibilitou registrar evidências empíricas de experiências não documentadas (THOMSON in FERREIRA et al, 2000).

Apesar de corroborarmos com Thomson (in FERREIRA et al, 2000) ao entendermos que não há uma maneira “certa”, universal de se fazer História Oral, não podemos considerá-la, como discorre Meihy (in FERREIRA et al, 2000, p.85), uma “mera narrativa dos fatos sucedidos”, mas podemos, através dessas narrativas, problematizar as transformações pelas quais vem passando o futebol amador em São José do Norte.

Nessa premissa, entendemos que, “recuperar a memória é importante, mas não é suficiente” (SCHWARZSTEIN in FERREIRA et al, 2000, p.99). É fundamental posicionar-se criticamente perante a história. Assim, retomamos as ideias de Meihy (2000), quando o autor faz três questionamentos sobre a utilização da História Oral: “por que, de quem e para quem?” (in FERREIRA et al, p. 93).

Sobre o “por que”, a escolha da História Oral se explica primeiramente pela escassez de fontes documentais sobre a história do futebol amador de São José do Norte. Além disso, a História Oral é reveladora, a partir do momento que permite narrar e analisar os acontecimentos levando em conta suas hesitações, lacunas e controvérsias que, geralmente, não estão presentes em documentos, atas, entre outros registros oficiais. Sobre o “de quem”, podemos dizer que essa história será de uma prática esportiva específica – o futebol amador –, contada através de sujeitos que constituem esse futebol. E por fim, essa história é elaborada não só como um estudo acadêmico, mas também “para quem” faz parte desse futebol e para a comunidade de São José do Norte.



Para isso, utilizamos principalmente depoimentos orais, além de documentos cedidos pelo Departamento Municipal de Esportes (DME), que trazem informações de uma história mais oficial desse futebol. Outras fontes, como jornais – das cidades de São José do Norte e do Rio Grande –, arquivos imagéticos, web sites, e, de maneira informal, contatos via redes sociais na internet, ajudaram a complementar alguns dados.

Ao todo foram realizadas três entrevistas, que aconteceram na cidade do Rio Grande/RS, mesmo sendo os depoentes naturais de São José do Norte. O conhecimento prévio, através do meu vínculo com o futebol nortense, facilitou o contato e a aproximação com os sujeitos.

Primeiramente procurei o radialista Oswaldir Silva dos Santos<sup>6</sup>, que atualmente reside em Rio Grande. Além de trabalhar em uma emissora de rádio ele também é responsável pelo jornal Folha do Norte<sup>7</sup>. A escolha do depoente se deu pelo meu próprio conhecimento via radiofonia, já que considero esse um crítico não só do futebol, mas também de outras questões relacionadas a São José do Norte.

Como indicação desse, surge a segunda entrevista, com Guaracy do Amaral Ferrari, que foi desportista nos anos 40 e 50. Também morador do Rio Grande, apesar de nortense, esse segundo depoente foi jogador e fundador de um clube na década de 40<sup>8</sup>.

Por fim, o terceiro e último depoente foi uma indicação que surgia em praticamente todas as conversas informais que eu participava sobre o futebol de São José do Norte. Ademir Marques Maio<sup>9</sup> era lembrado e qualificado por diversas pessoas como um profundo conhecedor do futebol amador nortense. O depoente

---

<sup>6</sup> Oswaldir Silva dos Santos (SANTOS), 63 anos, entrevista realizada em 23/07/2010.

<sup>7</sup> O Folha do Norte é um jornal de circulação local que teve seu início no ano de 1993, seguindo até 2003. Após esse período, segundo Oswaldir Santos, o jornal – de distribuição gratuita, pois não tinha fins lucrativos –, ficou dois anos inativo por falta de patrocinadores. O Folha do Norte retomou suas atividades em 2005, parando novamente em julho de 2011, pelo mesmo motivo anterior.

<sup>8</sup> Guaracy do Amaral Ferrari (FERRARI), 82 anos, entrevista realizada em 26/07/2010. O depoente foi um dos fundadores do Fluminense Futebol Clube, em 18/09/1946 – o clube era do centro da cidade. Ele jogava torneios e amistosos, mas nunca chegou a disputar o campeonato municipal de futebol amador. O clube não existe mais.

<sup>9</sup> Ademir Marques Maio (MAIO), 65 anos, entrevista realizada em 22/12/2011. O depoente começou como jogador já em 1959, aos 13 anos. Nos anos 70 somou, por vezes, a atividade de treinador à de jogador; nos anos 80 se envolveu pela primeira vez na organização do campeonato junto ao Conselho Municipal de Desportos – atual DME –, na mesma década deixou tal função e trabalhou no rádio esportivo voltando, no final dos anos 80, a organizar a competição. Nos anos 90 esteve envolvido como treinador e presidiu o DME, até que decidiu se afastar do envolvimento com o futebol. Mesmo sendo morador de São José do Norte a entrevista foi realizada em Rio Grande, já que o depoente assim sugeriu.

esteve vinculado a esse futebol em diversas esferas, já que atuou como jogador, treinador, trabalhou no rádio esportivo e presidiu o DME.

As fontes orais possuem um papel fundamental nessa pesquisa, já que elas podem nos ajudar a conhecer e entender os fatos de um tempo pretérito, fazendo com que o “presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida” (BOSI, 2003, p. 67).

### **3- SÃO JOSÉ DO NORTE**

No Rio Grande do Sul, entre o Oceano Atlântico e a Laguna dos Patos, encontra-se uma longa restinga arenosa que, ao sul, termina às margens do Canal do Rio Grande. Enquanto a costa do Atlântico é retilínea, sem enseadas nem ancoradouros, a costa da Laguna enfeita-se de pontas e angras. Nessa região de dunas movediças, bons campos de pastagens e um rosário de lagoas, encontra-se São José do Norte. (IBGE)

Localizado no litoral sul do Rio Grande do Sul, em uma planície costeira de 1.118 km<sup>2</sup> (IBGE), entre o Oceano Atlântico e a Laguna dos Patos (Figura 1), com aproximadamente 110 km de litoral<sup>10</sup>, São José do Norte caracteriza-se por ser uma península.

De acordo com dados do censo realizado pelo IBGE em 2010<sup>11</sup>, o município possui uma população com 25.503 habitantes. Destes, cerca de 68% residem na área urbana e 32% na extensão rural. A economia é baseada no setor primário, tendo como as atividades mais desenvolvidas a agricultura, a pesca e a pecuária (MACHADO; RIVERA, 1992). No entanto, a produção de cebola é a principal renda do município (MURADÁS, 2002). A indústria madeireira também movimenta a economia local, com extensas plantações de eucaliptos e pinus (IBGE).

---

<sup>10</sup> Folha do Norte de 05/03/1994, p.02.

<sup>11</sup> <http://www.ibge.gov.br>, acesso em 08/03/2011.



Figura 1: município de São José do Norte no mapa do RS<sup>12</sup>.

De acordo com Machado e Rivera (1992), o município está dividido em três distritos. O 1º Distrito abrange além da cidade de São José do Norte\*, as localidades do Arroio do Inhame, Barranco\*, Canastreiro, Capão dos Bois, Capão das Cariocas, Capela, Capivaras\*, Cocuruto\*, Fazenda Tamandaré, Jacinto Ignácio, Lagoão, Mendengue, Merecilda, Miguelita, Parobé, Passinho\*, Pontal da Barra\*, Ponta da Coroa, Ponta do Mato, Potreiro, Povoação da Barra\*, Praia do Mar Grosso\*, Quinta Secção da Barra\*, Retiro, Retovado\*, Rincão do Barbosa, Tesoureiro\*, Três Capões, Várzea\* e Vila Nova\*.

O 2º Distrito, que tem como sede a Vila do Estreito\*, abrange ainda as localidades do Campo da Honra, Divisa\*, Gravatá\*, Ponta Rasa, São Caetano\* e Saraiva. E o 3º Distrito, que tem como sede a Vila de Bujuru\*, é constituído pelas localidades da Barra Falsa, Capão D'areia\*, Capão do Meio\*, Cavalhada, Curral Velho, Farol da Conceição, Garupeira, Paurá\*, Ronda e Turpim\*<sup>13</sup> (Figura 2).

<sup>12</sup> <http://www.saojosedonorte-rs.com.br/localizacao.html>, acesso em 08/03/2011.

<sup>13</sup> Todas as localidades marcadas com um (\*) possuem ou já possuíram um ou mais clubes de futebol que disputam ou já disputaram o campeonato de futebol amador de São José do Norte. Algumas dessas informações foram coletadas com o depoente Ademir Maio e com outros desportistas via redes sociais.

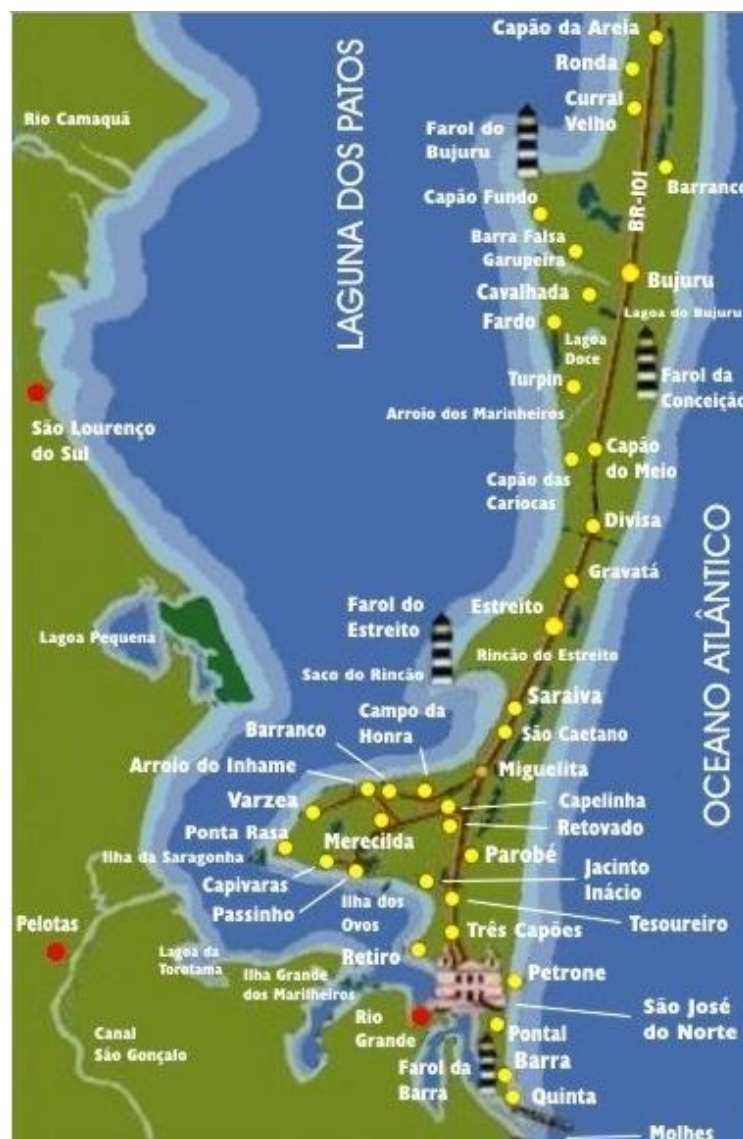


Figura 2: principais localidades de São José do Norte<sup>14</sup>.

A cidade de São José do Norte possui uma relação muito próxima – geográfica e socialmente – com a cidade do Rio Grande, já que muitas pessoas se deslocam diariamente para o Rio Grande para trabalhar, estudar, entre outras tarefas.

O traslado entre os dois municípios é hidroviário, sendo realizado através de lanchas para os passageiros e de balsas para os veículos (ver anexos), ambos levando 30 minutos em cerca de 8 quilômetros de deslocamento. Por via terrestre, o acesso a São José do Norte ocorre pela BR 101 (antiga Estrada do Inferno), seguindo a faixa litorânea, passando, no sentido Norte/Sul, por cidades como Mostardas e Tavares respectivamente.

<sup>14</sup> <http://www.saojosedonorte-rs.com.br/localizacao.html>, acesso em 12/07/2011.

#### 4- QUE FUTEBOL É ESSE?

Na perspectiva desse estudo, o entendimento de futebol amador<sup>15</sup> vai ao encontro do que Damo (2006) denominou de matriz comunitária, em suas quatro classificações do futebol (futebóis) – “espetacularizada”, “bricolada”, “escolar” e a “comunitária”. No entanto, o termo utilizado durante a escrita será futebol amador, já que é assim denominado o futebol em São José do Norte.

Nesse espaço julgo necessário, mesmo que brevemente, situar o leitor no que diz respeito às características desses futebóis (DAMO, 2003, 2006), em específico ao futebol comunitário, discorrendo sobre algumas de suas peculiaridades, fazendo um paralelo com o futebol amador de São José do Norte.

O futebol profissional possui algumas particularidades. A mais importante, talvez, seja a sua vinculação e submissão aos ditames da Federation Internationale de Football Association (FIFA), que organiza esse esporte de forma monopolista, globalizada e hierárquica, através de suas filiadas: confederações e federações (DAMO, 2006).

Outra característica relevante do futebol profissional é a divisão social do trabalho que, de acordo com Damo (2003) citando Toledo (2002), distingue-se em profissional, especialista e torcedor. Os profissionais são aqueles que interferem diretamente no jogo, como os atletas, comissão técnica, juízes e diretoria. Já os especialistas seriam os responsáveis em disponibilizar midiaticamente o jogo, seja através do rádio, da televisão, de jornais, entre outros meios de comunicação e, por fim, como a própria classificação os denomina, aparecem os torcedores.

O futebol de bricolagem é outra vertente citada por Damo (2006), que se caracteriza por um esporte jogado a partir de suas possibilidades, seja pessoal, espacial, temporal ou de material. Esse futebol, também chamado de “pelada”, é uma prática em que, “joga-se com o que se dispõem ou então inventa-se, quer sejam as regras ou os recursos materiais” (DAMO 2003, p. 140). Esse futebol é vivenciado no tempo social do não trabalho e está relacionado ao lazer, à recreação

---

<sup>15</sup> O futebol comunitário, como discorre Damo (2003, 2006), pode receber diferentes denominações como futebol amador ou de várzea. Além desses citados pelo autor podemos ainda incluir, levando em consideração a proximidade com São José do Norte, o futebol da campanha, já que é assim denominado o futebol amador que ocorre no interior da cidade do Rio Grande/RS e o futebol da colônia, como são denominadas as competições que acontecem na zona rural do município de Pelotas/RS (RIGO, 2010).

e ao ócio, mesmo que os jogos sejam realizados com o objetivo da vitória, fazendo com que os praticantes doem-se de maneira laboriosa ao jogo.

Outra via do futebol, caracterizada por Damo (2006), é a matriz escolar, que transita nas mais variadas vivências corporais, desde competições dentro da própria escola, as municipais e de outras esferas, passando pelo futebol tratado de uma forma mais pedagógica pela Educação Física e também pela bricolagem – como no futebol de recreio, por exemplo. Sendo assim, a principal singularidade dessa configuração em relação às demais é o fato de estar vinculada a uma instituição escolar.

A quarta e última manifestação da prática do futebol aqui tratada, e a mais relevante para esse estudo, é o que Damo (2006) denominou de futebol comunitário. Esse futebol transita entre o profissional e o de bricolagem, intermediando suas características e possibilidades, ora com um, ora com outro.

Assim, o futebol comunitário (amador) acontece em espaços mais padronizados em relação à matriz bricolada, ao mesmo tempo em que não possui as mesmas estruturas físicas dos estádios de clubes profissionais (DAMO, 2003).

Os clubes de futebol amador, na maioria, estão vinculados a uma Liga, que geralmente representa um bairro ou uma cidade de pequeno porte. No caso de São José do Norte, está vinculado à Prefeitura Municipal, através do Departamento Municipal de Esportes (DME), que funciona junto à Secretaria Municipal de Turismo e Promoções (SMTP).

Sobre a estrutura técnica no futebol amador, Damo (2003) descreve que todos os times têm um técnico – que não é remunerado e nem treina a equipe durante a semana – e quase todos possuem dirigentes e um massagista.

No futebol nortense<sup>16</sup>, todos os times têm um técnico, o que não impede que, por vezes, na falta desse, outra pessoa, geralmente um jogador mais experiente, assuma tal posto na equipe.

Os clubes também possuem dirigentes e colaboradores que, geralmente, têm funções bem determinadas, de acordo com sua organização interna<sup>17</sup>. Já sobre

---

<sup>16</sup> Adjetivo pátrio referente aos cidadãos de São José do Norte.

<sup>17</sup> Os clubes de futebol amador de São José do Norte quase sempre possuem presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro e colaboradores, que ficam responsáveis por outras funções, como vender os ingressos, atender na copa (bar) do campo, vender rifas, cortar a grama, limpar a sede, lavar o uniforme, trabalhar de mesário do jogo, entre tantas outras atribuições que a organização de um clube exige.

a figura do massagista, com algumas exceções, esse costuma ser uma pessoa sem nenhuma formação regulamentada. Em geral, os treinadores não são remunerados, e não há, pelo menos na atualidade, treinos durante a semana<sup>18</sup>, sendo que os jogadores e o treinador se encontram somente aos domingos, dia em que acontecem os jogos do campeonato.

No que diz respeito à especialização dos jogadores, posições e funções de cada um em campo, o futebol amador de São José do Norte se enquadra ao entendimento de Damo (2003, p. 143), quando o autor discorre que “no jogo, os papéis são, por princípio, bem definidos e até especializados, mas não deve causar surpresa se o centroavante, a certa altura, for jogar de goleiro [...]”. Ou como aconteceu no ano de 1983, com o Nedilandi Loureiro (Nedinho), do E.C Bujuru, que jogava de ala (lateral) e acabou virando centroavante, tornando-se, inclusive, o goleador daquele ano<sup>19</sup>.

As regras também são seguidas como as do futebol profissional, por vezes, com algumas adaptações, como a ampliação do número de substituições ou como aconteceu no campeonato de 1996, no qual o então presidente do DME, Ademir Marques Maio, propôs a inclusão de penalidades máximas ao final dos jogos que acabassem empatados<sup>20</sup>.

O futebol amador de São José do Norte também se caracteriza por outras questões, como a presença de árbitros remunerados e vinculados ao DME e a obrigatoriedade da inscrição de um time de aspirantes<sup>21</sup>, juntamente com o grupo principal. Além disso, todas as equipes possuem seu campo e sede próprios, não existindo nenhum espaço público onde os jogos são realizados<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> Nos anos 50 e 60, de acordo com Ademir Maio, o Liberal F.B.C e o Ferrari F.C, times do centro da cidade, possuíam um regime muito próximo do profissionalismo, com treinos de terça a sexta-feira e uma comissão técnica que contava inclusive com preparador físico. Atualmente não existe mais esse regime e alguns jogadores costumam treinar durante a semana, como fazer corridas, bater faltas etc. Já os goleiros geralmente combinam com outros jogadores de treinarem chutes a gol, por exemplo, mas ambos os treinos são realizados por iniciativas individuais e nunca por imposição ou obrigatoriedade do clube. Além disso, os jogadores costumam estar sempre em atividade, pois esses geralmente participam de outras competições, como as de futsal, torneios de futebol de 7 e de praia.

<sup>19</sup> <http://joaowaldirpenabola.blogspot.com>

<sup>20</sup> De acordo com o Jornal Folha do Norte de 16/03/1996 a “vitória simples por qualquer resultado vale 3 pontos. Empate em zero vale um ponto para cada competidor. Empate em um ou mais gols vale um ponto para cada competidor e um ponto extra para quem vencer nas penalidades” (p.11).

<sup>21</sup> O time de aspirantes, também chamado de 2º quadro, sempre realiza a preliminar do jogo do time principal ou 1º quadro. Ambos jogam contra a mesma equipe, com exceção das fases finais, em que o 1º e o 2º quadros podem cruzar com equipes diferentes.

<sup>22</sup> Em algumas situações, quando os jogos estão muito acirrados ou acontecem finais entre clubes do interior do município, com grande rivalidade ou que não possuam alambrado, as partidas são

No que diz respeito à capacidade de inserção midiática no futebol amador, a análise do campeonato nortense corrobora com as ideias de Damo (2003, p. 143), ao afirmar que:

A grande mídia, de alcance nacional e estadual, simplesmente ignora a existência do futebol comunitário ou notabiliza-o por meio de seus subprodutos - confusões, improvisos, bebedeiras e comilanças, etc. Vez por outra aparece uma nota, quase sempre por benevolência pessoal do jornalista. Nas cidades de menor porte, no entanto, o semanário publica a tabela, o regulamento e a classificação do certame, geralmente chamado de municipal ou regional. Por assepsismo a várzea vira amador e a cada rodada a rádio local transmite um derby, sendo os patrocinadores da jornada esportiva pequenos empreendedores locais, não raro o poder público; e se eles concedem patrocínio é graças à interferência pessoal do locutor ou do dono da rádio.

De fato, a mídia local é bastante presente na cobertura do futebol amador de São José do Norte – não só a desse município, como a mídia da cidade do Rio Grande<sup>23</sup>. As emissoras de rádio transmitem, por vezes<sup>24</sup>, os jogos do campeonato (Figura 3), assim como possuem programas esportivos diários destinados a tal competição, que são realizados tanto pelas sucursais das rádios riograndinas em São José do Norte, como pela emissora local.

---

realizadas no campo do Liberal Foot-Ball Club, time do centro da cidade de São José do Norte, que possui seu campo fechado com tela, permitindo a presença de policiamento e dificultando invasões de campo, entre outros tumultos.

<sup>23</sup> O campeonato de São José do Norte possui grande inserção também em Rio Grande, não só através de jogadores dessa cidade que vão disputar o certame nortense, mas também pelo considerável número de torcedores constituídos por pessoas que possuem algum vínculo com São José do Norte. No ano de 2004, a final entre S.C Barrense e G.E Beira-Mar foi transmitida ao vivo para Rio Grande em um canal fechado de TV a Cabo (Registros do S.C Barrense).

<sup>24</sup> Geralmente as finais são sempre transmitidas pelas rádios, contudo, durante as primeiras fases somente alguns jogos são radiados, principalmente, pela emissora local.





Figura 3: transmissão dos jogos pelas emissoras de rádio no campo do G.E Beira-Mar, no campeonato de 2011<sup>25</sup>.

O Jornal Folha do Norte publica reportagens sobre o futebol amador, assim como a principal mídia impressa do Rio Grande, o Jornal Agora, que possui uma página exclusiva para os assuntos da cidade de São José do Norte – onde há seguidamente reportagens sobre o campeonato nortense de futebol (Figura 4).

Além desses meios midiáticos mais tradicionais, há também dois blogs que tratam de assuntos sobre o futebol no município, sendo um deles específico sobre futebol amador, inclusive publicando matérias sobre competições de décadas passadas.

---

<sup>25</sup> Foto do blog <http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com>



Figura 4: reportagem sobre o campeonato nortense no jornal do Rio Grande<sup>26</sup>.

Assim, percebe-se que o futebol amador de São José do Norte possui uma série de características concomitantes às elencadas por Damo (2003, 2006), no que diz respeito ao futebol comunitário. Desde a questão de organização técnica e diretiva, especialização de jogadores e inserção midiática, ou seja, como discorre o autor, o futebol amador possui as principais características do futebol profissional, mas diferindo em escala.

<sup>26</sup> Publicado no Jornal Agora de 08 de outubro de 2009.

## 5 - O CAMPEONATO DE FUTEBOL AMADOR: ALGUNS DADOS HISTÓRICOS<sup>27</sup>

O campeonato amador de futebol de São José do Norte acontece desde 1959, contudo, até 1968, existia no município somente um Departamento Amador, vinculado à Liga Riograndina de Futebol, que era quem organizava a competição, tendo inclusive suas reuniões realizadas na cidade do Rio Grande<sup>28</sup>.

Contudo, através da lei municipal número 14, de 15 de outubro de 1969, foi criado em São José do Norte o Conselho Municipal de Desportos (CMD), que passou a organizar o campeonato. No entanto, em 1982, o então prefeito José Luiz Capa Verde Saraiva extinguiu o CMD, e o futebol do município passou a ser dirigido por cargos de comissão, lotados em secretarias, como a de Gabinete, a de Educação e a de Turismo e Promoções, onde atualmente está vinculado o Departamento Municipal de Esportes (DME)<sup>29</sup>.

Ao longo de 52 anos de campeonato, o município de São José do Norte teve 49 equipes que representavam diferentes comunidades, da cidade e do interior<sup>30</sup>. No entanto, o número máximo de participantes em uma única realização do campeonato foi de 34 clubes, no ano de 1980<sup>31</sup>, já que muitos deles encerraram suas atividades já nos primeiros anos de competição, enquanto outros surgiram logo após ou começaram a participar mais recentemente do campeonato.

Desde que começou o campeonato, representaram a cidade no certame municipal nove equipes (nome/ano de fundação), que foram o Liberal Foot-Ball Club [1933], Bento Gonçalves Futebol Clube [1956], Ferrari Futebol Clube [1958], Sociedade Esportiva e Recreativa Nortense [1978], Apollo Futebol Clube [1975], Grupo dos 18 Assistencial e Esportivo, Atlântico Futebol Clube, Esporte Clube Marcílio Dias e o Lagomar da Praia<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup> Nesse espaço trataremos do futebol amador de São José do Norte de uma maneira mais linear, com dados cedidos principalmente pelo Departamento Municipal de Esportes, mas que também tiveram a contribuição do depoente Ademir Maio, além de informações coletadas em blogs.

<sup>28</sup> De acordo com Guaracy Ferrari, em 1948 foi fundada a Liga Nortense de Futebol, vinculada à Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Isso, graças à amizade de Nestor Fontoura, guarda livro da Cooperativa de Cebola, com Aneron Correia de Oliveira, presidente da FGF, mas segundo o depoente ela teve uma vida efêmera, devido ao despreparo dos árbitros – o que fez com que os clubes desistissem da mesma.

<sup>29</sup> Informações cedidas pelo DME e Ademir Marques Maio.

<sup>30</sup> Entenda-se cidade como o centro urbano e o interior como a zona rural do município.

<sup>31</sup> <http://futeboldesjn.blogspot.com>

<sup>32</sup> O Lagomar da Praia representava o balneário da cidade, junto à Praia do Mar Grosso, mas tal localidade, de acordo com Machado e Rivera (1992), faz parte do perímetro urbano da cidade.

Pelo interior do município, os clubes, ano de fundação e suas respectivas localidades são:

1º Distrito: Sport Club Barrense [1931] (Povoação da Barra); Grêmio Esportivo Beira-Mar [1938] (Quinta Secção da Barra); Esporte Clube União Pontalense [1967] e Pontal Futebol Clube (Pontal da Barra); Grêmio Esportivo Cocuruto [1933] (Cocuruto); Esporte Clube Passinho [1959]<sup>33</sup> (Passinho); Associação Esportiva Varzense [1968] e Novo Avante (Várzea); Esporte Clube Capivarense [1967] (Capivaras); Esporte Clube Olaria [1947] e Esporte Clube Juventude (Tesoureiro); Esporte Clube Bonsucesso [1950] e Esporte Clube União do Barranco [1973] (Barranco); Vila Nova (Vila Nova); Esporte Clube Oriente [1938], Esporte Clube Ideal, Estrela Futebol Clube, Camponês e Esportivo (Retovado). Cabe citar que os times da cidade também pertencem a esse Distrito.

2º Distrito: Esporte Clube Ari Barroso [1942], Esporte Clube Fortaleza [1939], Esporte Clube Vencedor [1954], Esporte Clube Tamandaré [1947], Esporte Clube Vila Nova (São Caetano); Associação Esportiva Internacional [1981], Esporte Clube Internacional [1963], Esporte Clube Lagomar [1970] e Esporte Clube Palmeiras (Estreito); Esporte Clube Divisa [1944] (Divisa); Esporte Clube União do Gravatá [1961] e Esporte Clube União dos 4 Irmãos [1968] (Gravatá).

3º Distrito: Flamengo Futebol Clube [1969] (Turpim); Esporte Clube Fluminense [1964] (Contrato)<sup>34</sup>; Esporte Clube Esperança [1975] e Esporte Clube São José [1964] (Capão da Areia); Esporte Clube Guarani [1954] e Esperança (Capão do Meio); Esporte Clube Palmeiras (Paurá); Esporte Clube Bujuru [1942] e Esporte Clube Bujuruense [1971] (Bujuru)<sup>35</sup>.

Desses 49 clubes<sup>36</sup>, somente 14 alcançaram o título, sendo três clubes da cidade (Liberal F.B.C, Bento Gonçalves F.C e Ferrari F.C) e outros onze do interior

---

<sup>33</sup> O clube foi fundado com o nome de Serramalte em 18/04/1959, mas em 17/07/1983 adotou a denominação da localidade que representa – Passinho.

<sup>34</sup> Apesar dessa localidade não estar citada oficialmente em Machado e Rivera (1992), ela é considerada como o local em que pertence o E.C Fluminense, tanto pelo depoente Ademir Maio, como pelo Jornal Folha do Norte de 26/03/1994.

<sup>35</sup> Não foi possível ter acesso ao nome completo e data de fundação de alguns clubes, já que esses encerraram suas atividades há bastante tempo e os depoentes não souberam relatar tais dados com precisão. As informações foram adquiridas através de uma lista cedida por Ademir Maio, por blogs e pela inserção direta no ambiente estudado.

<sup>36</sup> É importante registrar que, além desses 49 times, existiram outros tantos que não disputaram o certame municipal – ou por sua existência pré-campeonato, ou pelo fato de se dedicarem exclusivamente a amistosos e torneios.

(S.C Barrense, G.E Beira-Mar, E.C Oriente, E.C Bujuru, E.C Ari Barroso, E.C Divisa, G.E Cocuruto, E.C Guarani, E.C Tamandaré, A.E Varzense e E.C Fortaleza).

É importante ressaltar que, de acordo com Ademir Maio (2011), nos primeiros anos o campeonato era composto basicamente pelos clubes da cidade, tendo um ou outro clube do interior, geralmente de regiões mais próximas à sede do município.

O maior vencedor do campeonato municipal foi o Liberal F.B.C, com 11 títulos, dominando os primeiros certames e tendo outras 6 conquistas nos anos 90. Em segundo, aparece o Bento Gonçalves F.C com 8 títulos, conquistando seis deles entre 1980 e 1990. Em seguida surgem os clubes do interior, como o E.C Oriente tendo 6 conquistas – 3 delas nos anos 60 e mais 3 nos anos 70 – e o G.E Beira-Mar dominando os anos 2000; depois aparece o S.C Barrense com 5 títulos, também com predomínio na última década. Com 4 títulos aparecem E.C Bujuru e E.C Ari Barroso; com 2 títulos tem-se o Ferrari F.C e o E.C Divisa<sup>37</sup>. Ainda alcançaram o topo mais alto da competição, possuindo 1 título, as equipes do G.E Cocuruto, E.C Guarani, E.C Tamandaré, A.E Varzense e E.C Fortaleza.

O campeonato amador de futebol acontece uma vez por ano, geralmente de maio a dezembro, com jogos realizados aos domingos<sup>38</sup>. Pela extensão geográfica do município, a fórmula da competição é elaborada, na primeira fase, de forma regionalizada, fazendo com que clubes de localidades vizinhas ou mais próximas joguem entre si, como discorre o artigo 4º do Regulamento de 2002: “Os campeonatos municipais das categorias principal e aspirantes serão disputados em 05 (cinco) fases, sendo que os clubes inscritos serão divididos em 03 (três) grupos, segundo um critério regional, atendida a proximidade geográfica entre suas sedes”.

O campeonato passou por diferentes regulamentos ao longo dos anos. Em períodos em que existia um grande número de clubes participando, a competição chegava a ter 4 ou 5 grupos com 6, 7 e até 8 times em cada um deles. Nessas competições, as oitavas de final também eram feitas em grupos, dessa vez

---

<sup>37</sup> De acordo com os registros do DME, o E.C Divisa no ano de 2006 teria conquistado, via justiça, o título de 1980 perdido para o Bento Gonçalves F.C, contudo, o ranking do próprio DME registra o E.C Divisa com dois títulos (1973 e 1982), mantendo o de 1980 para o Bento Gonçalves F.C.

<sup>38</sup> Nas fases finais os jogos do Segundo Quadro, por vezes, são realizados aos sábados.

independente de localização geográfica. A partir das quartas de final a competição seguia o estilo mata-mata<sup>39</sup>, até chegar à final<sup>40</sup>.

Nos últimos anos, houve algumas variações na fórmula da competição, como a realização de quadrangulares na fase semifinal, centralizada em um único campo (Liberal F.B.C), como ocorreu em alguns campeonatos nos anos 90. Na última década, devido ao número reduzido de clubes participantes do certame, em relação às décadas de 70 e 80 principalmente, a competição possui em geral, somente dois ou três grupos, variando entre 4 e 6 clubes em cada um deles.

## **6- MUDANÇAS SOCIAIS DO FUTEBOL AMADOR DE SÃO JOSÉ DO NORTE**

### **6.1- A “crise” do futebol nortense**

Nas décadas de 70 e 80, com a participação mais efetiva dos clubes do interior do município, o campeonato nortense de futebol passou a contar com um número expressivo de equipes, chegando a ter mais de 30 times na disputa. Contudo, “de 88 a 96 já começou a dar um decréscimo” (Entrevista, MAIO, 2011), sendo que nos anos 90, o número de agremiações que disputavam o certame girava em torno de 25. Na última década a competição conta com a participação de um número ainda menor de clubes, sendo que nos últimos três certames, 2009, 2010 e 2011 participaram 13, 15 e 12 equipes, respectivamente.

Segundo Maio (2011), a desorganização, fraude em regulamentos e manipulações de súmulas contribuíram para que muitas pessoas se afastassem do futebol, deixando de colaborar com os clubes e, em alguns casos, retirando os times das competições, já que o campeonato perdera a credibilidade.

Paralelo a isso, surge a questão financeira, ocasionando a não participação de alguns clubes no certame, causando o licenciamento ocasional desses. Além

---

<sup>39</sup> Disputa eliminatória realizada em dois jogos, um em cada campo das equipes envolvidas, em que se classifica o time que conquistar o maior número de pontos entre os dois jogos.

<sup>40</sup> Informações coletadas através de tabelas do campeonato amador de futebol dos anos de 1978 e 1980 (<http://futeboldesjn.blogspot.com>), de 1988 e 1990 (arquivo do autor) e de tabelas das campanhas do Sport Club Barrense nos anos de 2002, 2003 e 2004 (arquivo do clube).

disso, nos últimos anos, alguns times tradicionais de São José do Norte acabaram “fechando as portas”, provavelmente, devido a dificuldades econômicas<sup>41</sup>.

Para o depoente, a reestruturação do campeonato passa por uma política pública de esporte no município, “se houvesse um estímulo maior dos órgãos públicos e os camaradas fossem mais sérios e mais organizados, talvez não chegasse a esse ponto que nós chegamos de tantos clubes desistirem” (Entrevista, MAIO, 2011). Como declarou o depoente, seria importante “que a prefeitura fundamentalmente faça duas coisas, banque a arbitragem e resolva o problema do transporte” (Entrevista, MAIO, 2011).

Esta mesma opinião é compartilhada pela matéria publicada no Jornal Folha do Norte que reafirma o descaso da administração pública com relação ao futebol de São José do Norte dizendo que, “muitos torcedores lembram saudosos do nosso velho amadorismo que aos poucos vai se apagando, [...], por favor, é preciso que o Poder Público acorde e incentive nosso futebol [...]” (agosto de 2009, p. 06).

No meio futebolístico, não há como fugir de comparações do campeonato atual com os certames de décadas passadas. Tanto em conversas informais, como nos debates realizados nos programas esportivos das emissoras de rádio e na mídia impressa, esse assunto faz parte da pauta.

Remetemo-nos novamente ao Jornal Folha do Norte, que ao publicar uma matéria sobre os Barnabés, time formado por funcionários da Prefeitura Municipal que disputava preliminares dos jogos do campeonato nos anos 70, discorre:

Nesta época, o órgão organizador do futebol amador, levava mais a sério as questões futebolísticas de nossa São José do Norte, inclusive era destinado pelo Executivo (04) quatro membros para trabalharem em prol do esporte, tínhamos um campeonato amador forte de muita qualidade, onde era permitido uma maior aproximação entre as entidades futebolísticas e o Poder Público Municipal [...] (agosto de 2009, p. 06).

Preocupadas com a situação do futebol no município, algumas lideranças do legislativo nortense requereram, em março de 2010, uma reunião entre o Poder

---

<sup>41</sup> Os gastos dos clubes não se dão somente com os jogadores, mas também com outras questões, como o pagamento de arbitragem, ônibus para o transporte de jogadores e torcedores, assim como a manutenção do patrimônio, como o campo e a sede também dificultam e, por vezes, inviabilizam a participação de alguns clubes na competição, ocasionando em alguns casos o fechamento das agremiações. Podemos verificar em diversas edições do Jornal Folha do Norte – anos 90 –, publicações que tratam do licenciamento de alguns clubes do campeonato, motivado por questões financeiras.

Legislativo, o Poder Executivo, os presidentes dos clubes e o diretor de esportes, com a seguinte justificativa:

Senhores vereadores, através de nossa propositura estamos atendendo pedido dos Munícipes envolvidos no Esporte Amador, os quais estão solicitando a urgência necessidade desta reunião a fim de que possam encontrar uma solução viável no apoio ao esporte amador, pois, o mesmo tornou-se um entretenimento à nossa Comunidade, em especial, àqueles que residem no interior do Município (Requerimento nº 002/2010, Câmara Municipal de São José do Norte).

De acordo com a matéria publicada no Jornal Agora em 06/04/2010, discorrendo sobre a reunião supracitada, que acontecera um dia antes, a ideia, como relatou o vereador Luiz Carlos Costa, era que o Executivo colocasse no orçamento de 2011 do município uma verba específica para o futebol amador e atividades esportivas em geral.

Outras possibilidades que minimizariam os gastos das agremiações durante o ano foram expostas por dirigentes, como a isenção na taxa de IPTU das entidades esportivas que, de acordo com o vereador Luiz Carlos Costa, poderia acontecer em troca de convênios entre clubes e prefeitura, através da utilização da infraestrutura dos clubes pela comunidade, como escolas, por exemplo. Essa também foi uma solução exposta pelo depoente Ademir Maio, que propôs a utilização dos ônibus, que fazem o transporte escolar, para o deslocamento das agremiações durante os finais de semana, em troca de os professores de Educação Física poderem utilizar os espaços dos clubes.

Fica a impressão, de acordo com os relatos, de que mesmo o campeonato sendo organizado pela prefeitura municipal, através do DME, que está vinculado à Secretaria de Turismo e Promoções, não há um apoio efetivo em relação aos clubes. Os relatos deixam transparecer que o DME organiza a competição, mas de acordo com as fontes, não há, via prefeitura, algum projeto que auxilie ou minimize os gastos dos clubes.

## **6.2- A economia e os clubes**

Apesar de considerarmos que o campeonato nortense está passando por um período de crise, pelo menos no que diz respeito ao número de clubes e,



consequentemente, comunidades envolvidas – de acordo com as fontes –, graças à desorganização do certame, falta de credibilidade e seriedade de quem o organiza, falta de uma política pública de esporte no município e as inviabilidades econômicas, cremos ser esse último o principal fator que fez com que diversos clubes deixassem de participar do campeonato municipal de futebol amador.

São José do Norte tem como principal fonte econômica o cultivo da cebola (MURADÁS, 2002) e em tempos passados chegou a receber a denominação de “capital nacional da cebola” (SANTOS, 2007), fato esse entoadado no Hino Municipal, que expande inclusive a abrangência geográfica de tal título<sup>42</sup>.

Contudo, de acordo com Santos (2007), tal status não condiz com a situação atual, já que a agricultura no município tem passado por grandes dificuldades nas últimas duas décadas. Nessa perspectiva, traçamos um paralelo entre o auge<sup>43</sup> do futebol nortense com o ápice da produção de cebola em São José do Norte e o declínio, tanto da produção agrícola como dos clubes de futebol.

No período que abrangia o final dos anos 50 e início dos 60, alguns clubes, como o Liberal F.B.C e o Ferrari F.C<sup>44</sup>, possuíam um regime praticamente profissional, com preparador físico, treinos de terça a sexta-feira, sendo que “terça e quinta era coletivo, quarta e sexta era a parte física que se trabalhava” (Entrevista, MAIO, 2011).

O Ferrari tinha uma estrutura, por exemplo, aos domingos tu ia de manhã pro campo e já almoçava, tinha uma sede extremamente organizada, quando o jogador se machucava o clube bancava, ele recebia o salário de onde ele trabalhasse e o clube bancava tudo. Realmente o futebol amador era só de nome, na verdade era um amadorismo marrom que a gente chamava, todo mundo ganhava pra jogar (Entrevista, MAIO, 2011).

Outro fato relatado por Maio (2011) comprova o poderio econômico do futebol amador, principalmente dos clubes da cidade, no início dos anos 60:

Em uma oportunidade o Liberal veio jogar aqui em Rio Grande, com o Fiação e Tecidos de Pelotas, pelo campeonato da região, tinha um jogador o Rosquinha que morava em Porto Alegre, e ele teve uma época que um parente dele trabalhou na barca e ele morou no Norte.

---

<sup>42</sup> O Hino de São José do Norte de autoria de Loreno Pastore, que de acordo com Machado e Rivera (1992), foi oficializado pela Câmara Municipal em 18 de setembro de 1986, diz em parte de uma das suas estrofes: “P’rá saudar a Capital, que agora é mundial, pela sua produção”, referindo-se à cebolicultura.

<sup>43</sup> Entenda-se esse período como os anos 60, 70 e 80.

<sup>44</sup> O Ferrari F.C foi um time formado a partir dos funcionários da Empresa Ferrari, que comprava e vendia cebola e pescado, inclusive com uma filial no Rio de Janeiro (FERRARI, 2010; MAIO, 2011).

Ele tava em Porto Alegre e ele veio de avião pra jogar esse jogo, pago pelo clube, o Liberal bancou a vinda dele.

Nesse momento histórico, São José do Norte despontava como o principal produtor de cebola do Rio Grande do Sul. Em 1958, por exemplo, o município foi responsável por quase 50% da produção estadual de cebola, sendo que o Rio Grande do Sul era o principal produtor do Brasil. Desse período, até meados dos anos 80 a produção de cebola proporcionou ótimos níveis de renda aos agricultores de São José do Norte (SANTOS, 2007)<sup>45</sup>.

Concomitante à economia, os anos 70 e 80 do campeonato amador de futebol foram marcados por um número expressivo de clubes participantes, chegando a ter, como já foi mencionado, mais de trinta times disputando o campeonato.

Por outro lado, a partir de meados de 80 a produção de cebola começa a sofrer, de forma mais impactante, mudanças no mercado nacional<sup>46</sup>, ao mesmo tempo em que o início da década de 90 começa a demonstrar os primeiros decréscimos no número de clubes participantes do certame municipal, girando em torno de 25 equipes.

Em consequência dessas variantes na economia da cebola, o êxodo rural foi um processo drástico em meados dos anos 80, tendo São José do Norte a maior taxa de urbanização (quase 50%) entre os municípios da Zona Sul do estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1970 e 2000 (SANTOS, 2006).

Através dos dados de Santos (2006, 2007) supomos que o êxodo rural fez com que as localidades do interior do município diminuíssem sua população e, conseqüentemente, o número de pessoas para se envolver com o futebol local, tanto

---

<sup>45</sup> De acordo com os depoimentos de agricultores no trabalho de Santos (2007), nos anos 70 podia-se comprar tratores e caminhões com muita facilidade com o que se produzia em uma única safra, inclusive pagando à vista, coisa que hoje não se consegue nem com prestações e incentivos de baixos juros. Relatos feitos de maneira informal dão conta de que em meados dos anos 60 alguns clubes do interior do município fichavam jogadores por toneladas de cebola - e, por vezes, com a venda do produto era possível arrecadar a quantia suficiente para comprar um carro zero quilômetro.

<sup>46</sup> A produção de cebola nos anos 80 passou a ter outros mercados, como Santa Catarina, o que ocasionou queda de preços e a conseqüente redução da produção no Rio Grande do Sul (RS), já que passou a ter um custo de produção mais elevado que os mercados concorrentes (SANTOS, 2007). Para se ter uma idéia quantitativa, entre 1969 e 1978 o RS era responsável por 30 a 40% da produção nacional, sendo São José do Norte o maior responsável por essa produção; já entre 1987 e 1991, o RS ficou responsável tão somente por 10 a 20% da produção nacional. Para mais ver: Santos (2007).

no que diz respeito à formação de jogadores, como a de responsáveis para dirigir os clubes.

O decréscimo no número de clubes no campeonato continuou nos anos 2000, tendo uma média de 15 equipes participantes nesse período. Nessa mesma década, o Rio Grande do Sul, além de já ter perdido mercado e produção da cebola nos anos 80 e início de 90, para os estados de Santa Catarina e São Paulo, passa a ser ultrapassado também, pelo estado da Bahia (SANTOS, 2006, 2007).

Assim, percebemos uma relação muito estreita entre o ápice da produção de cebola (final dos anos 50 até os anos 80) e o seu declínio (a partir de meados dos anos 80), com o auge financeiro do futebol de São José do Norte (anos 60) e, mais adiante, com o número expressivo de clubes que representavam as comunidades interioranas (anos 70 e 80), passando pelo decréscimo de participantes no campeonato até chegarmos à situação atual.

### **6.3- Os Outsiders no futebol nortense**

Um dos assuntos que permeiam, tanto as conversas informais, como os debates nos veículos midiáticos, e é tido como um dos principais problemas no futebol amador do município é a redução da participação da comunidade junto ao futebol local. Paralelo ou em consequência desse, há também o debate da aceitação ou não de jogadores de outros municípios no certame nortense.

Apropriando-nos do termo de Elias e Scotson (2000) para designar os jogadores que não fazem parte da comunidade de onde está locado o clube – outsiders<sup>47</sup> –, discutiremos a relação que envolve jogadores, clubes e comunidades.

O depoimento a seguir, de Guaracy Ferrari, futebolista dos anos 40 e 50, retrata a opinião de alguns desportistas nortenses, em relação à inclusão dos outsiders nos clubes.

---

<sup>47</sup> Termo utilizado para se referir a grupos mais novos de residentes que se inseriram em uma comunidade já consolidada em longa data, no que diz respeito a seus costumes e valores sociais, sendo essa, denominada por Elias e Scotson (2000) como estabelecidos, que se consideram social e moralmente superiores aos outsiders, entendendo-os como “pessoas de menor valor” (p.19). À comparação se fazem guardadas relações de poder e dinâmicas culturais que envolveram a pesquisa de Elias e Scotson (2000) e o estudo aqui proposto. Para mais ver: Elias e Scotson (2000).

Lá fora<sup>48</sup> era tudo jogadores da localidade, então havia mais calor da torcida, porque são os parentes, é o sobrinho, é o tio, é o irmão, entendesse, agora não, começaram a levar gente daqui<sup>49</sup>, gente do Norte<sup>50</sup> pro interior, descaracterizou, tirou todo aquele calor, aquela vibração que tinha antigamente (2010).

E continua:

Mas o futebol era bom antigamente, por que o pessoal lá de fora era da localidade. Tinha o Salvador do Barranco, o Salvador era o dono do União do Barranco. Um dia o Salvador de Jeep esperando os caras de Rio Grande. Salvador, pra perder Salvador, perde com o pessoal lá de fora, fica dando dinheiro pra esses caras, bota o pessoal lá do Barranco mesmo eles vão jogar com amor, agora esses caras aqui vão só te comer dinheiro (2010).

Além do depoimento supracitado, o desportista e radialista nortense, João Waldir, responsável por um blog que publica, entre outros assuntos, matérias do futebol amador, deixa exposta a sua opinião sobre a utilização de “jovens valores da localidade” ao discorrer sobre a origem dos jogadores e a rivalidade que existia entre o E.C Guarani e o E.C Bujuru, no final dos anos 70. Para ele,

[...] nesta época os clássicos eram disputados com garra e muita vontade, pois os jogadores defendiam sua localidade com muito brio, sendo normal a comunidade cobrar dos atletas, que quando não conseguiam os resultados ficavam envergonhados, porém nos dias de hoje isto lamentavelmente não acontece mais, o sentimento já não é o mesmo, até porque a maioria dos atletas já não mais pertencem e se quer mantém vínculos com as comunidades (João Waldir, 2011)<sup>51</sup>.

É provável que a diminuição de público esteja relacionada, de acordo com os relatos, à identificação dos torcedores com os próprios jogadores que, atualmente, pelo menos em parte, não pertencem à comunidade. Os clubes que possuem um maior poder aquisitivo, acabam “fichando”<sup>52</sup> os melhores jogadores, inclusive de cidades vizinhas, como Rio Grande, Pelotas e Tavares, recriando a relação das comunidades com os clubes. Tais jogadores possuem, em geral, uma menor relação de pertencimento com o clube e em relação à comunidade, jogando prioritariamente por interesse financeiro<sup>53</sup>.

---

<sup>48</sup> O termo “lá fora” é utilizado para se referir às comunidades do interior do município.

<sup>49</sup> O depoente, ao se referir a “gente daqui”, quer dizer jogadores da cidade do Rio Grande.

<sup>50</sup> Norte é como as pessoas do Rio Grande e de São José do Norte se referem a esse município.

<sup>51</sup> <http://joaowaldirpenabola.blogspot.com>

<sup>52</sup> O termo fichar o jogador é muito comum no futebol amador e diz respeito a uma ficha que o jogador assina com o clube antes do campeonato, ficando esse vinculado à agremiação durante toda a competição.

<sup>53</sup> No futebol amador, os jogadores tendem a receber certa quantia fixa por partida, outros clubes dividem a renda entre os jogadores, porém, alguns estipulam um valor total para toda a competição

Por outro lado, há quem defenda a inclusão dos outsiders no futebol local. Como discorre Elias e Scotson (2000), a aceitação dos outsiders acontece quando esses se tornam necessários, de algum modo, para as comunidades estabelecidas, passando a ter alguma função dentro dessas, mesmo sendo no caso desse estudo, pontual (jogos) e temporária (campeonato).

Hoje tem um monte de coisa que os cara não aceitam, não querem mais agora nem jogadores de Rio Grande, que eu acho que isso aí historicamente é um tiro no pé, porque os cara dizem, ah se vem jogador de Rio Grande, Barrense, Liberal, Beira-Mar se fortalecem, tá mas vem cá, se Barrense, Beira-Mar e Liberal trouxerem jogadores de Rio Grande, os do Norte vão sobrar pros outros times. Agora, se for só com os jogadores do Norte teoricamente o que vai acontecer, Liberal, Barrense, Beira-Mar e Bento, que tem poder aquisitivo, vão pegar os melhores jogadores do Norte e não vai sobrar nada pros outros (Entrevista, SANTOS, 2010).

Alguns fenômenos sociais corroboraram para essa questão e são tratados como um processo próprio do futebol, como relata Maio (2011), ao comparar o que está acontecendo no futebol amador em São José do Norte com o futebol profissional.

Isso é uma coisa normal, no futebol profissional tu vê isso, os clubes europeus se abastecem de jogadores brasileiros e de outras praças e hoje vão se abastecer mais porque houve um êxodo rural visível, as comunidades do interior diminuíram o número de habitantes, de quem pratica o futebol. Então isso obrigou a levarem, até porque os próprios dirigentes que tem uma ligação com os clubes do interior já estão morando na cidade. Também os próprios filhos que vieram estudar, as comunidades ficaram com menos potencial de atletas pra compor as equipes, e aí vão buscar onde tem. Por que hoje 65% da população do Norte tá na cidade e 35% no interior e antes era o inverso.

Assim, percebemos que não há uma homogeneidade no que diz respeito à introdução dos outsiders no futebol amador de São José do Norte, já que, pelos depoimentos e pelos discursos midiáticos, parte dos desportistas é contrária à participação ou pelo menos criticam a relação que os outsiders possuem com os clubes e com as comunidades. Enquanto isso, outros defendem a inclusão dos outsiders, já que isso possibilitaria um maior número de jogadores para os clubes, além de ser um processo inevitável causado pelo êxodo rural, assim como é um fenômeno comum no futebol atual.

---

ou assinam a ficha em troca de eletrodomésticos ou móveis, como geladeira, fogão, sofá, conjunto de cozinha etc. As formas de pagamento são variadas, sendo essas as mais comuns.

#### **6.4- Futebol na comunidade: um espaço de sociabilidade e entretenimento**

No futebol amador, o pertencimento a alguma agremiação está, quase sempre, vinculado a questões geográficas, ou seja, as pessoas tendem a torcer pelos clubes que representam a sua comunidade. Há também a influência da relação de parentesco, à medida que um familiar vai jogar em uma equipe que não pertença a sua comunidade, por exemplo, fazendo com que seus familiares passem a frequentar os jogos e torcer por outro clube que não seja o da localidade onde residem.

Esse futebol é constituído por processos socioeconômicos e histórico-culturais e possui um importante significado para as comunidades. Essas não apenas se identificam com os clubes por estes representá-los, mas eles acabam se tornando, espacialmente, um lugar de encontros, de convivência, ou seja, de sociabilidades.

Os clubes possuem a capacidade de agregar a comunidade, promovendo essa sociabilidade, tornando-se “um lugar onde se forjam sentimentos e valores, um espaço utilizado para administrar as rivalidades, as diferenças e as tensões intrínsecas a todo bairro” (RIGO, 2007, p.90).

Nessa perspectiva de relação que envolve clubes e comunidades, entendendo-os, simbolicamente e espacialmente, como um lugar representativo para as comunidades, caracteriza-se o futebol como um dos maiores meios de relações sociais e entretenimento do município.

Machado e Rivera (1992), ao discorrerem sobre os costumes das comunidades interioranas do município relatam que “as principais diversões são: futebol – muito apreciado pelos habitantes locais – corridas de cavalos, festas religiosas, casamentos, batizados” (p.29). Percebemos que dentre as atividades de entretenimento citadas, somente o futebol recebeu uma caracterização diferenciada.

Essa importância legada ao futebol em São José do Norte também fica explícita em uma coluna do radialista e cronista esportivo Altemir Lima, no Jornal Folha do Norte, ao discorrer sobre o licenciamento de alguns clubes junto ao DME. O trecho intitulado “Compromisso com a comunidade” dizia:

Cada um destes clubes que participa do campeonato do município representa uma comunidade e seus dirigentes têm a consciência de que o licenciamento ocasiona prejuízos incalculáveis, principalmente no aspecto

social. O futebol é o único divertimento que temos em nosso interior, quando não são realizados jogos aos domingos não há absolutamente mais nada que se possa fazer. É nos jogos que os amigos se encontram, as comunidades vizinhas se confraternizam e as moças e rapazes namoram. Durante os seis dias da semana o assunto futebol é prioritário, revelando a maior paixão do povo nortense, e no sétimo dia é hora de extravasar toda a emoção proporcionada pelos atletas de suas equipes que por mais modesta que sejam sempre acabam reservando uma alegria no coração de seus torcedores. Já disse uma vez e repito, tirem tudo do povo nortense, só não tirem o futebol! (21/03/1996, p.11).

Durante o campeonato, a cada final de semana o município se transforma, as comunidades se preparam para viajar, para recepcionar outro clube e sua torcida, para assistir o seu time jogar, entre outras. Isso fica claro no depoimento de Santos (2010), quando diz que:

O futebol do Norte transcende a importância da competição propriamente dita, porque as pessoas que trabalham no interior, elas trabalham na cebola ali, conversando uns com os outros falando no futebol. Agora talvez com o advento da televisão, da eletrificação rural, parabólicas e tal, as pessoas conversem outras coisas, assim como novelas essas coisas, mas a essência do papo ali, invariavelmente ou é, ou era, no caso, futebol ou política. Hoje talvez eles já falem de outras coisas, até coisas que tão assustando, como proliferação de drogas, essas coisas. Mas no passado, principalmente porque não tinha televisão lá fora, não tinha nem luz, não tinha nada né. Então a perspectiva do pessoal era a da chegada do domingo, por quê? Porque domingo joga Guarani que é lá no Capão do Meio contra o Oriente que é aqui no Retovado. Aí vem as famílias dos jogadores, a diretoria, os jogadores, tem a moça, vem o filho, que vão se encontrar lá na outra comunidade, naquela época que estrada, tu levava, do Capão do Meio, só pra tu te uma idéia, que tu hoje leva cerca de 35 a 40 minutos no máximo, tu levava 3 horas, 3 horas e meia de viagem, então a distância era difícil, então no domingo vinha a moça daí já se encontravam, já saia um namoro e fruto desse futebol muitos casamentos aconteceram lá fora, dessa relação de namoro que surgiu através do futebol. Aí vem a parenta que não vê há muito tempo e já espera lá com um pãozinho feito em casa. Então o futebol no Norte sempre teve essa importância e apesar do avanço dos tempos ele continua tendo essa importância [...].

Logo, percebemos que o futebol se torna uma ocasião e, os clubes, um espaço propício para os encontros. A sede, a copa (bar), a beira do campo, além dos bailes e festas promovidos pelos clubes, são espaços compartilhados pelas comunidades, proporcionando uma “proximidade fundamental para forjar um estado para melhor ‘conviver’ entre toda a vizinhança” (RIGO, 2007, p. 90).



Figura 5: Comunidade na sede do E.C Bonsucesso, da localidade do Barranco, em dia de jogo no campeonato de 2010.

No entanto, podemos refletir sobre a importância dada à sede de um clube em relação a outras opções e espaços de entretenimento, já que, como relatou Maio (2011), o futebol era um meio de encontro das pessoas, e era nesse momento que elas se viam, não só para a diversão, mas inclusive para fazer negócios.

O diferencial é que hoje tem outras opções de lazer, então tu divide o futebol, que é uma coisa intrínseca, cultural do povo, de gostar, mas hoje a juventude tem outras opções, as pessoas tem outras opções de lazer, tem televisão em casa, futebol em casa. Naquela época não tinha nenhuma outra opção, a não ser o futebol aos domingos, então aquilo era um atrativo e existia uma participação efetiva e muito grande de todas as comunidades. As pessoas trabalhavam e viviam direcionadas para aquele tipo de lazer que era os jogos aos domingos. Hoje não! (Entrevista, MAIO, 2011).

Assim, percebemos significativas mudanças nos processos sócio-históricos no campeonato de futebol amador de São José do Norte. Contudo, esse esporte, mesmo com essas mudanças, continua sendo importante para as comunidades, pois o futebol aos domingos ainda se constitui como um espaço/tempo de vida social ativa e de entretenimento, tendo grande relevância cultural no município.



## 7- HISTÓRIAS E CURIOSIDADES

“O futebol é um fato social da maior importância na cultura brasileira contemporânea” (GASTALDO, 2005, p.01) e, em geral, é repleto de emoções para os mais aficionados pelos clubes, tendo diferentes significados para cada pessoa. Contudo, podemos dizer, embasados em depoimentos e em registros do DME, que alguns acontecimentos marcaram o campeonato nortense e se configuraram como grandes marcos desse futebol.

No ano de 1995, a final envolveu pela primeira vez as equipes do S.C Barrense e do G.E Beira-Mar. O último e decisivo jogo, que foi realizado no campo do Liberal F.B.C<sup>54</sup>, contou com a presença de mais de 3.000 espectadores (registros do DME), e devido à grande repercussão, somada à acirrada rivalidade entre os clubes e suas torcidas, a organização do campeonato decidiu por contratar arbitragem da Federação Gaúcha de Futebol (FGF), com um dos bandeirinhas (José Carlos de Oliveira) pertencendo ao quadro da FIFA<sup>55</sup>.

Outro acontecimento histórico da competição aconteceu no ano de 1980, quando a final do campeonato estava sendo disputada entre as equipes do Bento Gonçalves F.C (time do centro da cidade) e do E.C Divisa (time do interior, da localidade de mesmo nome).

O primeiro jogo havia sido vencido pelo Bento Gonçalves F.C pelo placar mínimo, na segunda partida, enquanto o E.C Divisa vencia por 1 a zero; houve uma briga ainda no primeiro tempo, o que impediu o término do jogo. O órgão responsável pelo campeonato na época, o Conselho Municipal de Desportos (CMD), anulou essa partida e remarcou para a cidade do Rio Grande, no estádio Torquato Pontes, do Foot-Ball Club Riograndense<sup>56</sup>.

A transferência deste jogo para Rio Grande, de acordo com registros do DME, ocorreu devido à pressão de políticos influentes da época, que não queriam o comparecimento do E.C Divisa. De fato, o E.C Divisa não compareceu, tendo em

---

<sup>54</sup> O campo do Liberal F.B.C foi escolhido para a realização dos jogos finais por motivo de segurança, já que nem S.C Barrense e nem G.E Beira-Mar possuíam na época telas de proteção ao redor do gramado, somente cercas de arame, o que impossibilitava a presença de policiamento, correndo o risco de um grande tumulto, já que ambas as equipes possuem grandes torcidas e há uma grande rivalidade entre os clubes.

<sup>55</sup> Folha do Norte de 13/01/1996, que também estimou um público de 5.000 pessoas na decisão.

<sup>56</sup> Informações dos registros do DME e do endereço eletrônico <http://futeboldesjn.blogspot.com>, acesso em 28/12/2011. Nenhuma das fontes relatou detalhes sobre as irregularidades que impediram o término do jogo.

vista as confusões que aconteceram no jogo anterior. Sendo assim, a disputa do campeonato, que em princípio tinha sido conquistado pelo Bento Gonçalves F.C, foi para a justiça. No ano de 2006, ou seja, 26 anos após o ocorrido, o título municipal de 1980 foi julgado e dado ao E.C Divisa.

No campeonato de 1964, na final que envolveu o Ferrari F.C e o Liberal F.B.C, o título também saiu, como se usa na linguagem do futebol, no tapetão<sup>57</sup>. Nessa ocasião o Ferrari F.C ganhou no campo, mas perdeu o título na justiça. Como relatou Maio (2011), o Liberal F.B.C protestou contra a inscrição de um jogador do Ferrari F.C, o que foi julgado no Supremo Tribunal da, na época, Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Com esse episódio, percebemos o envolvimento, a importância e a seriedade com que era tratado o futebol no município, fazendo com que uma decisão de um campeonato amador de uma pequena cidade do interior fosse julgada na maior instituição do futebol brasileiro.

Um fato bastante curioso, envolvendo dessa vez a infraestrutura de um clube, aconteceu em 1993, quando o Liberal F.B.C retirou a tela do próprio campo para que não houvesse policiamento no jogo. De acordo com Maio (2011), que era treinador do clube na época, o Liberal F.B.C tinha como norma pedir policiamento para seus jogos, mas quando o clube foi fazer tal solicitação à Brigada Militar, o DME já o tinha feito, ao mesmo tempo em que tinha escalado para o jogo um árbitro vetado pelo clube.

Aí nós sentimos que tinha algo estranho, arrancamos a tela, o policiamento não foi e o juiz teve que ter um comportamento que não nos prejudicou, deu uma baita polêmica, mas eu não vou perder fora do campo, dentro do campo tudo bem (Entrevista, MAIO, 2011).

E continua:

Outro fato foi lá na Quinta Secção da Barra, o Liberal jogou com o Beira-Mar na cidade e deu uma confusão, e o Juca goleiro foi ameaçado, se ele fosse lá na Quinta iam acabar com a vida dele. Então teve uma polêmica durante a semana, a família não queria que ele fosse e nós montamos um baita aparato de seguranças e fomos jogar lá, acho que foi o maior público lá na Quinta na época, até no final do jogo eu tirei o Juca antes de terminar e botei o Marcelo, e aí foi com segurança na caminhonete e ainda algumas pessoas tentaram ir atrás. E naquele jogo eu lembro que todo mundo que foi do Norte, do Liberal, foi armado, o único que não foi armado foi eu, mas felizmente as coisas se resolveram dentro do campo (Entrevista, MAIO, 2011).

---

<sup>57</sup> Linguagem usual no futebol para designar uma vitória conquistada em âmbito judicial.

É evidente que o futebol amador de São José do Norte possui uma infinidade de histórias a serem contadas, mas com essas curiosidades, que retratam minimamente a relação que a comunidade possuía e possui com o futebol amador, ficou a pretensão de narrar alguns episódios do futebol nortense, seja no âmbito jurídico, nas manipulações de espaços físicos ou nos conflitos mais sérios com ameaças de morte.

## **8- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Estudar o futebol amador de São José do Norte me causou em princípio uma euforia extrema, pois eu teria a oportunidade de escutar relatos de assuntos que sempre me chamaram muito a atenção e aguçavam minha curiosidade quando, desde muito jovem, ouvia as histórias de viagens, jogos memoráveis, clubes e localidades que não conhecia e os conflitos das mais diversas ordens.

Contudo, adentrando nesse universo como pesquisador, me senti com uma responsabilidade enorme, já que fica a pretensão de que esse estudo faça com que a comunidade de desportistas nortenses possa refletir sobre as questões que influenciaram nas mudanças das relações sócio-históricas entre clubes e comunidades e na organização do futebol local.

Além disso, se faz necessário que os organizadores do campeonato releguem uma maior importância à memória esportiva do município, pois pelo que percebi durante a pesquisa, salvo algumas poucas pessoas e clubes, o órgão responsável pelo futebol amador de São José do Norte, o Departamento Municipal de Esportes, pouco se preocupa com os registros históricos da competição<sup>58</sup>.

Assim, o estudo deixa claro que o campeonato de futebol amador mudou através dos anos e foi influenciado por questões econômicas, políticas e de acesso a outros meios de entretenimento. De mais de 30 clubes disputando a competição

---

<sup>58</sup> De acordo com Maio (2011), o DME não possuía nem mesmo a relação dos campeões e vices desde o primeiro campeonato, sendo essa lista elaborada pelo mesmo, junto aos desportistas do município, quando trabalhou no rádio esportivo nos anos 80. Ao buscar outras fontes, além dos breves, porém muito úteis, relatos documentais cedidos pelo presidente do DME em 2010 – Larri Lucas Garcia –, deparei-me tão somente com as súmulas dos anos de 1991, 1992, 1993 e 1994, que estavam guardados no denominado “arquivo” do município. Também me foi relatado, de maneira informal por um desportista, que há cerca de 3 ou 4 anos foi encontrado no lixão municipal uma série de documentos referentes ao futebol amador, como fichas de jogadores e súmulas dos jogos.

nos anos 80, o certame nortense está relegado a pouco mais de uma dúzia de clubes atualmente, onde um ou outro se arrisca ora a disputar, ora a se licenciar do campeonato.

O investimento necessário para se manter um clube, a influência da principal economia do município (cebolicultura), a falta de uma política pública voltada ao esporte, a desorganização e a falta de seriedade de alguns gestores do campeonato e a acessibilidade a outros meios de entretenimento foram apontadas pelos depoentes como elementos que colaboraram para o fechamento ou licenciamento de alguns clubes e, conseqüentemente, desmotivaram as pessoas a assistirem os jogos nas tardes de domingo.

Mesmo assim, com todos esses fatores, o futebol de São José do Norte ainda se constitui como um dos principais eventos culturais do município. As comunidades podem ter reinventado outras maneiras de torcer e de pertencimento com os clubes, mas isso não deixou de existir – somente mudou, ficou diferente.

Se a torcida não vai mais ao jogo por causa do seu filho, primo, irmão ou qualquer outro familiar e amigo, ela vai pelo time que, mesmo sendo formado, pelo menos em parte, por jogadores de fora da sua comunidade, representa ainda a sua localidade.

Assim, coube-nos narrar alguns fragmentos da história do futebol amador de São José do Norte, sendo que, em hipótese alguma, nos foi pretendido esgotar o tema, mas sim abrir um espaço de rememoração, discussão e reflexão sobre esse futebol, registrando parte dessa história, para que futuros estudos e/ou projetos políticos de organização do esporte na cidade sejam realizados e complementem o início dessa jornada.

### **Referências:**

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/2807/1422>>. Acesso em 24/10/2010.

\_\_\_\_\_, Arlei Sander. Senso de jogo. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es103.pdf>>. Acesso em 30/03/2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GASTALDO, Édson Luis et al. Futebol, Mídia e Sociabilidade – uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Ideias**, ano 3 – nº 43 – 2005. Unisinos, São Leopoldo.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

MACHADO, Maria Elvira Silveira; RIVERA, Mara Rúbia Pinho (Org.). **São José do Norte**: terra de águas claras e areias brancas. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et al (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 85-97.

MURADÁS, Jones. **A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul** – análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional. 2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática** 10/1: 83-98, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_, Luiz Carlos, et al. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 155-179, julho/setembro de 2010.

SANTOS, Jefferson Rodrigues dos. **Previdência Rural e suas interações com a realidade local**: impactos territoriais em São José do Norte. 2006. 331f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_, Jefferson Rodrigues dos. Análise do processo de especialização produtiva e da crise do sistema de produção de cebola em São José do Norte – RS. **Sinergia**, Rio Grande, 11(2): 53-65, 2007.

SCHWARZSTEIN, Dora. Desafios da história oral latino americana. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et al (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 99-103.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et al (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 47-65.

## **FONTES:**

### **Jornais**

Folha do Norte. Ano I, 05 de março de 1994.

Folha do Norte. Ano II, 13 de janeiro de 1996.

Folha do Norte. Ano II, 16 de março de 1996.

Folha do Norte. Ano II, 21 de março de 1996.

Folha do Norte. Ano XVI, agosto de 2009.

Jornal Agora. Ano 35, 06 de abril de 2010.

### **Endereços Eletrônicos**

<<http://www.ibge.gov.br>>, acesso em 08/03/2011.

<<http://www.futeboldesjn.blogspot.com>>, acesso em 15/11/2011.

<<http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com>>, acesso em 12/10/2011.

<<http://www.saojosedonorte-rs.com.br>>, acesso em 08/03/2011.

### **Documentos**

Lei Municipal nº 14, de 15 de outubro de 1969.

Registros do Departamento Municipal de Esportes.

Registros do Sport Club Barrense.

Regulamento do Campeonato Nortense de Futebol Amador, 2002.

Requerimento nº002/2010, Câmara Municipal de São José do Norte.

### **Depoimentos orais**

Ademir Marques Maio (MAIO, 65 anos, entrevista realizada em 22/12/2011, na cidade do Rio Grande).

Guaracy do Amaral Ferrari (FERRARI, 82 anos, entrevista realizada em 26/07/2010, na cidade do Rio Grande).

Oswaldir Silva dos Santos (SANTOS, 63 anos, entrevista realizada em 23/07/2010, na cidade do Rio Grande).

# DE UM CLUBE COMUNITÁRIO A UM TIME VENCEDOR: AS RELAÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DO SPORT CLUB BARRENSE

## 1- INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por objetivo investigar, analisar e narrar alguns acontecimentos sócio-históricos do Sport Club Barrense, time de futebol amador do município de São José do Norte, cidade do interior do Rio Grande do Sul (Brasil). O S.C Barrense pertence à localidade da Povoação da Barra, que fica cerca de 16 quilômetros do centro do município e se caracteriza por ser uma comunidade de pescadores.

Meu vínculo pessoal com a Povoação da Barra e com o S.C Barrense nos seus mais variados espaços – âmbito familiar, na beira do campo, na sede do clube, nos botecos, nas esquinas e ruelas etc, – fizeram emergir algumas inquietudes sobre as transformações pelas quais o clube passou ao longo de sua história<sup>59</sup>.

Para compreender tais relações, o estudo faz uma apreciação histórica do clube e sua relação com a comunidade, através de análise documental e principalmente entrevistas, com pessoas que estão, de algum modo, vinculadas à entidade. Além disso, o acesso aos arquivos imagéticos do S.C Barrense possibilitou o uso de algumas fotografias como ilustração.

Na perspectiva desse estudo, o entendimento de futebol amador<sup>60</sup> vai ao encontro do que Damo (2006) denominou de matriz comunitária, em suas quatro classificações do futebol (futebóis) – “espetacularizada”, “bricolada”, “escolar” e a “comunitária”. No entanto, o termo utilizado durante a escrita será futebol amador, já que é assim denominado o futebol em São José do Norte.

---

<sup>59</sup> Apesar de eu residir e ser natural da cidade do Rio Grande, minha família é originária do interior de São José do Norte, sendo a família materna da Povoação da Barra e estando vinculada ao Sport Club Barrense e a paterna da Quinta Secção da Barra, estando ligada ao Grêmio Esportivo Beira-Mar. Mais adiante o trabalho trata da relação entre os dois clubes e das duas comunidades. Dentro do S.C Barrense pude experimentar vivências como torcedor, jogador, espectador e, no momento, pesquisador, ora mais próximo, ora mais afastado dos jogos e da convivência com a comunidade.

<sup>60</sup> O futebol amador pode receber diferentes denominações de acordo com a região, como futebol comunitário ou de várzea. Além disso, ele pode receber nomes específicos de acordo com cada município, como futebol da colônia, que acontece na zona rural de Pelotas/RS (RIGO, 2010), ou futebol da campanha, como é chamado o futebol amador que acontece no interior do Rio Grande/RS.

O futebol amador de São José do Norte e o do S.C Barrense em especial – no que tange à atualidade – se aproximam bastante ao que Damo (2006) chama de futebol comunitário (amador). De acordo com o autor, esse futebol se caracteriza pela presença de quase todos os componentes do profissional, entretanto, diferindo em escala<sup>61</sup>.

É através desse entendimento de futebol amador e dos conhecimentos produzidos durante a pesquisa, somados à vivência pessoal com o futebol e com a comunidade em questão, que tentamos analisar e narrar as transformações sócio-históricas do S.C Barrense.

## **2- CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**

O estudo utilizou-se das fontes escritas e imagéticas que remetem à história do S.C Barrense, como o Livro Caixa, o Livro de Sócios e, principalmente, o Livro de Atas do clube<sup>62</sup>. Aliados a essas fontes, utilizamos também depoimentos orais, em que os três depoentes<sup>63</sup> foram propositalmente escolhidos porque passaram por três momentos distintos do clube.

---

<sup>61</sup> O futebol profissional e o futebol amador, tanto o citado por Damo (2006), como o praticado pelo S.C Barrense, possuem questões equivalentes, como o pagamento de jogadores, diretoria com certa divisão de trabalho, comissão técnica com treinador e massagista – mesmo que não especializado – inserção midiática, entre outros.

<sup>62</sup> O Livro de Atas contém 102 atas registradas e é o mesmo desde a fundação até os dias de hoje, sendo que, 44 delas fazem parte das duas primeiras décadas do clube – anos 30 e 40. A contagem das Atas vai até o número 98, no entanto, há duas Atas com o número 46 e de igual forma com a Ata de número 47. As Atas de número 46 datam dos dias 18 de agosto de 1950 e 26 de agosto de 1951 e as Atas de número 47 datam dos dias 25 de julho e 11 de agosto de 1952. Ainda há duas Atas sem numeração registradas no dia 17 de outubro de 1948 e no dia 28 de outubro de 1958, o que totaliza 102 Atas.

<sup>63</sup> Altair Marques da Costa (Guega), 60 anos, (Povoação da Barra/S.J do Norte, entrevista realizada em 10/12/2011). É envolvido com o clube desde muito jovem, principalmente no que tange à parte social, além disso, ocupou vários cargos na diretoria, sendo presidente por aproximadamente 15 anos, mas nunca foi jogador.

Luiz Roberto Novo Neves (Beto), 42 anos, (Povoação da Barra/S.J do Norte, entrevista realizada em 11/12/2011). É um dos mais envolvidos com o clube na atualidade, está na diretoria desde 2002, mas acompanha o clube desde a infância, quando seu pai fazia parte da diretoria; também já foi jogador.

Luiz Costa da Silveira (Seu Luiz), 73 anos, (São José do Norte, entrevista realizada em 16/12/2011). É filho de um dos fundadores do clube e teve participação mais efetiva como jogador (goleiro), inclusive tendo jogado durante dois anos no Grêmio Atlético Farroupilha, de Pelotas/RS, quando serviu o Exército nessa cidade. Deixou a comunidade e foi morar em São José do Norte há 20 anos, mas continua comparecendo aos jogos do S.C Barrense.



Além da documentação do clube e das fontes orais, utilizamos jornais – das cidades do Rio Grande e de São José do Norte –, arquivos fotográficos como ilustração e outros pertences pessoais não só dos depoentes, mas também de pessoas que contribuíram informalmente para o estudo, aproximando-se do que Violette Morin, citada por Bosi (2003, p.26), chamou de “objetos biográficos”. Esses dizem respeito aos objetos que envelhecem junto com seus proprietários e se incorporam à vida de cada um.

Como enfatiza Lang (1998, p.16), a associação de duas ou mais fontes “permite ter uma visão mais ampla e variada da realidade em estudo, desde que possibilita superar de certa forma as limitações que cada fonte de dados traz [...]”. Para Montenegro (2007), os documentos oferecem somente uma história imediata, construída a partir de um modelo institucionalizado, ao passo que os relatos orais possibilitam conhecer as formas de elaboração do passado. Assim, entendemos que quanto mais diversas forem as fontes de pesquisa, maior a possibilidade de se aproximar do acontecido (GOELLNER, 2007).

No campo metodológico da História Oral, o uso que fizemos das fontes orais se aproxima do que Lang (1998) denominou de depoimento oral. Esse se caracteriza por utilizar os depoimentos de sujeitos que tiveram uma participação importante em determinados acontecimentos ou instituições que se quer estudar.

Dessa forma, julgamos que a História Oral é uma opção apropriada para narrar e analisar os acontecimentos, levando em conta suas hesitações, lacunas e controvérsias que, geralmente, não estão presentes em documentos, atas, entre outros registros oficiais. Assim, a oralidade possibilita ao pesquisador adentrar nas “tensões implícitas, aos subentendidos, ao que foi só sugerido” (BOSI, 2003, p.17).

Nessa perspectiva, entendemos que em um trabalho histórico é possível rememorar o passado no presente, permitindo conhecer um tempo que já passou através de narrativas (GOELLNER, 2007). Ainda de acordo com a autora, consideramos a história “uma tentativa de estabelecer nexos entre diferentes épocas estando ciente de que o passado é algo que se pode conhecer e que esse conhecer é coisa em movimento, que se transforma ininterruptamente” (p.21).

### 3- O SPORT CLUB BARRENSE

Aos dezoito dias do mez de outubro do ano de mil novecentos e trinta e um, reuniram-se os Sers: Oswaldo Farias, Pedro Laurentino da Silva, Álvaro Manuel da Silveira, Alfredo José Pinto e José Caldas Maciel, com o feito especial de fundarem um club de futbol, depois de discutido o assunto resolveram marcar uma sessão para propostas de sócios, e, na mesma elegerem diretoria (Figura 6).

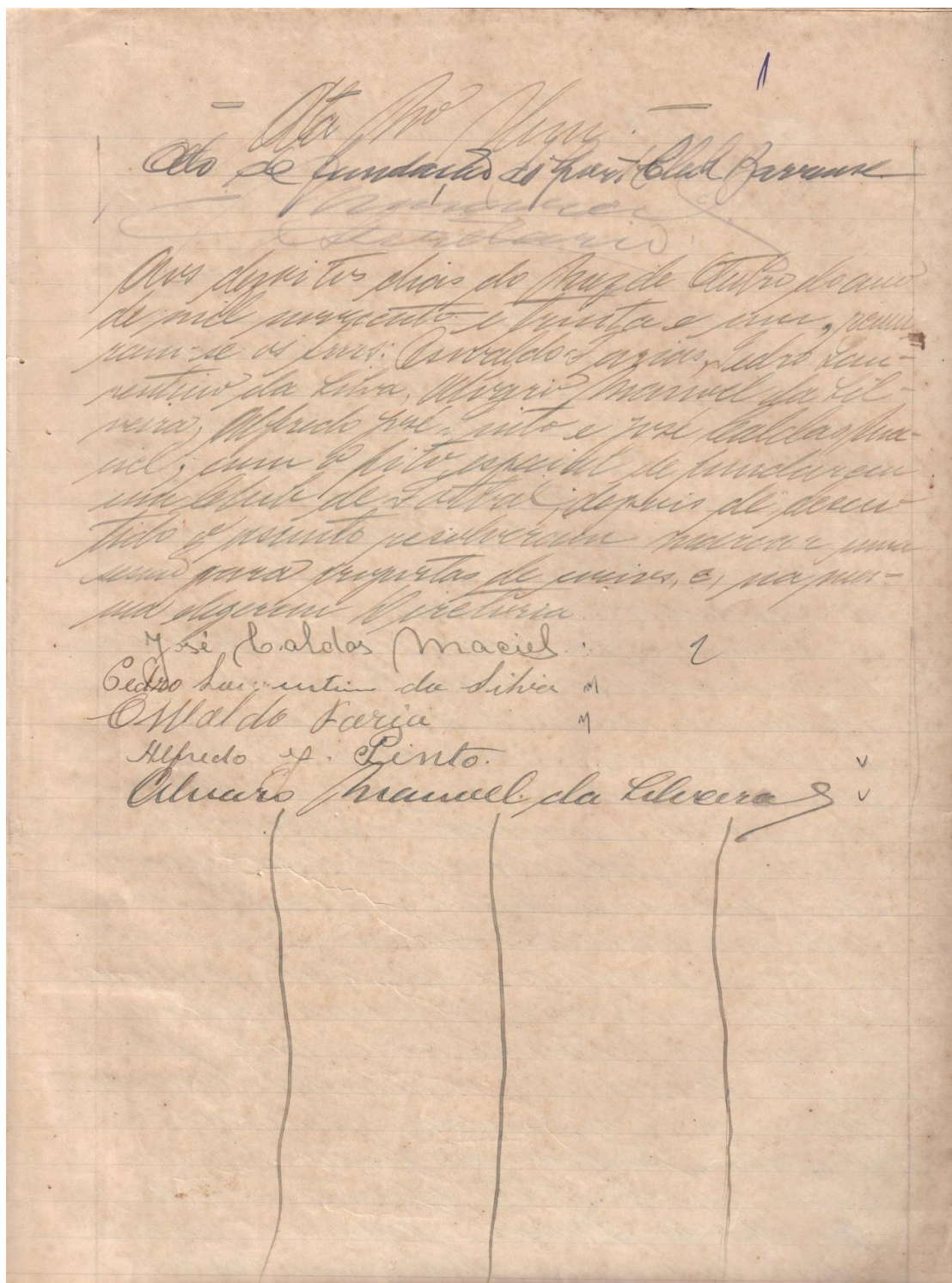


Figura 6: Ata de número 1, de 18/10/1931.

Assim, quase na extremidade sul do município de São José do Norte, espremido entre a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico, estava sendo fundado, em 18 de outubro de 1931, o clube de futebol mais antigo em atividade que se tem registro nesse município.

O Barrense, como é chamado, pertence à comunidade da Povoação da Barra (Figura 7), localidade essa que se encontra a 16 quilômetros do centro da cidade de São José do Norte e tem como economia principal a pesca artesanal<sup>64</sup>.



Figura 7: Vista aérea da localidade da Povoação da Barra<sup>65</sup>.

Após o encontro inicial e o registro da Ata de número 1, como supracitado, os responsáveis pela fundação do clube de futebol na Povoação da Barra reuniram-se novamente no dia 15 de novembro de 1931 para elegerem a primeira diretoria da história do clube.

<sup>64</sup> Apesar de atualmente se caracterizar como uma comunidade pesqueira, a Povoação da Barra possuía, em décadas passadas, diversas instituições que relegavam à localidade certa importância política. Até 1920 a localidade era administrada pela Marinha do Brasil, possuindo uma infraestrutura com ruas calçadas, água encanada, telefone, telégrafo e luz elétrica, o que não existia nem na cidade de São José do Norte. Além disso, ainda estavam lotadas na Povoação da Barra a Alfândega e a Praticagem (Praticagem da Barra do Porto do Rio Grande), que é o órgão responsável pela entrada e saída de navios do Porto do Rio Grande. Essa instituição foi oficializada pelo Governo Imperial em 1846, transferindo-se em 1941 para a cidade do Rio Grande (Registros da biblioteca pública Delfina da Cunha – São José do Norte – sem autoria).

<sup>65</sup> Disponível em <<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-br&biw=1280&bih=607&q=povoa%C3%A7%C3%A3o%20da%20barra&um=1&ie=UTF-8&sa=N&tab=wl>>, acessado em 07/03/2011.

Pelos escritos da Ata de número 2, José Caldas Maciel foi eleito pelos demais fundadores como o primeiro presidente do clube. Esse, então presidindo os trabalhos, teve como ato apresentar a proposta para sócios, em que foram indicados, de acordo com a listagem transcrita em Ata, 49 pessoas, além dos 5 fundadores.

Feito isso, foi em seguida aberta a eleição para a composição da diretoria em escrutínio secreto. Por maioria de votos a composição da primeira diretoria do Sport Club Barrense ficou assim formada:

Para o cargo de presidente o Sr: José Caldas Maciel; para thesoureiro o Sr: Alfredo José Pinto; para secretario o Sr: Carlos Moreira como primeiro, e para segundo secretario o Sr: Pedro Laurentino da Silva, para procurador o Sr: Luiz P. Vaz, como primeiro, e para segundo o Sr: Antonio A. Castro, para capitão o Sr: Oswaldo Farias, para guarda-sport o Sr. Alvaro Manoel da Silveira, para a comissão de contas os Sers: Pedro Laurentino da Silva, Osmarino L. da Silveira, Pio F. da Costa (Ata nº 2, de 15/11/1931).

Nessa mesma data, foram decididos também as cores e o desenho da bandeira do clube. Sem nenhuma motivação que tenha sido explicada em Ata, o clube adotou em seu pavilhão as cores verde e branco, em sentido horizontal, com as iniciais do clube e uma bola no centro<sup>66</sup>.

Esses fatos estão registrados no Livro de Atas do clube, no entanto, os depoentes relatam uma história muito mais antiga do S.C Barrense, remetendo a criação do clube a uma época mais remota, como conta Seu Luiz (2011). De acordo com o depoente, que é filho de um dos fundadores do clube, os pescadores da região, ao realizarem jogos entre eles mesmos, nos dias em que não tinham trabalho e aos finais de semana, já utilizavam a denominação Barrense.

Também remetendo-se a criação do S.C Barrense a uma data ainda mais pretérita do que àquela de sua fundação e ao período narrado por Seu Luiz (2011), Guega (2011) relata:

Segundo dizem, o Barrense é muito mais antigo do que a data de 1931. Já havia o Barrense há muitos anos, só que nunca fundaram, nunca registraram, então lá em 1931, 18 de outubro, resolveram fundar o Sport Club Barrense. Então já havia o Barrense, que era o pessoal da Praticagem na época, acho que talvez nem o Sport Club Rio Grande<sup>67</sup> existia. Com aqueles navios que chagavam aqui, de ingleses e tudo mais, segundo contavam que o

---

<sup>66</sup> Os depoentes também não sabiam o motivo da escolha das cores.

<sup>67</sup> O Sport Club Rio Grande é tido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como o time de futebol mais antigo do Brasil em atividade, sendo fundado em 19/07/1900.



futebol veio chegando e que aí fizeram o Barrense. E o Barrense além de ser o mais antigo era muito mais antigo ainda.

#### **4 - BARRENSE: UM CLUBE DA E PARA A COMUNIDADE**

O S.C Barrense, assim como outros clubes de futebol de São José do Norte – principalmente os do interior do município –, sempre teve outras ações junto à comunidade. Tais ações extrapolavam a prática do futebol, como as promoções culturais e de entretenimento, ou seja, bailes, desfiles, bingos, jantares e diversos jogos na sede.

Nos anos 60, de acordo com os relatos de Guega (2011), o S.C Barrense adquiriu uma eletrola<sup>68</sup> e promovia bailes no Salão da Piedade<sup>69</sup>, já que a sede do clube, na ocasião, eram duas casas e não tinha espaço suficiente para a realização de bailes.

Nos anos 70 a vida social parecia ser bastante ativa na sede do clube, já que a entidade realizava bailes, festas de carnaval e apresentava, entre seus bens, de acordo com a documentação do clube, 1 mesa de ping-pong, 1 jogo de dominó e 2 mesas de bilhar. Isso evidencia que a sede tornara-se um espaço/tempo de entretenimento e sociabilidade entre os associados do S.C Barrense.

Como discorre Rigo (2007), quanto maior a intervenção cultural dos clubes nas comunidades, mais importância se dá à sede. Nessa perspectiva, com o passar dos anos, a diretoria do S.C Barrense foi aumentando sua sede social, passando a promover bailes (brincadeiras) todos os finais de semana, como relata Guega (2011):

Aumentamos a sede, fizemos de um tamanho bem maior, a discoteca aumentou, e ali começaram os bailes que começavam ao meio-dia, que passaram pra 1 hora, pras 2, pras 3, pras 4, até começar 1 hora da manhã, era com chuva, era com vento, era com sol, tinha que ter, o pessoal vinha e nós tínhamos que fazer as brincadeiras.

---

<sup>68</sup> Aparelho que reproduz sons, composto por um toca-discos e um amplificador munido de alto-falante.

<sup>69</sup> O salão social da Nossa Senhora da Piedade ficava ao lado do salão social da Irmandade da Nossa Senhora da Boa Viagem e era destinado à comunidade negra da localidade. Atualmente somente o Salão da Boa Viagem existe.

A partir dos anos 80, o clube se caracteriza fortemente por sua contribuição social na comunidade, pois, nesse período, havia uma série de eventos como bailes e desfiles, como ainda relata Guega (2011):

Socialmente o Barrense tinha na época mesa de ping-pong, tinha snoker, tinha vários jogos que o pessoal se reunia todas as noites, durante o dia, ficavam ali jogando, participando, e as reuniões dançantes, se fazia a Garota Barrense, a Garota Primavera, tudo isso pra criar fundos pro clube, pra poder disputar jogos.

E continua:

Quando começaram essas reuniões dançantes, que nós chamávamos de brincadeiras o pessoal não só da Barra, mas também da Quinta e vinha gente do Norte, lotava a sede e nós começamos com essa tal eletrola [...]. Como eu era discotecário eu comecei a lançar as luzes, observando as árvores de natal eu comecei a comprar aquelas lâmpadas amarelas, verdes, fiz um cordão de luz e aquilo ali chamou a atenção, aí era o comentário, olha tem assim, assado e aquilo foi crescendo eu fui aumentando o número de lâmpadas, foi aumentando o som, até que nós chegamos a montar uma discoteca bem maior. E lotava, a sede lotava mesmo, final de semana, sábado, domingo, se fizesse segunda, terça, sempre tinha povo<sup>70</sup>.

Contudo, as reuniões dançantes ou brincadeiras, como eram denominados os bailes, passaram a exigir novos cargos e regras dentro do clube devido a algumas brigas. “O associado Sabino Coelho da Silva, fazendo uso da palavra relatou aos demais que determinados elementos que não vem se portando corretamente não devem entrar após os mesmos serem retirados do recinto”<sup>71</sup>.

As confusões nos bailes passaram a ser frequentes, o que fez com que a diretoria tomasse algumas providências. Assim, após uma reunião, ficou decidido que todos os elementos que frequentassem as brincadeiras deveriam ser revistados. A organização interna do clube para os bailes exigiu novas funções de seus diretores, sendo criado o setor de copas, de som, de portaria e fiscais de pista.

No ano de 1985 os problemas nas reuniões dançantes voltam a ser pauta de discussões no clube, sendo estabelecidas novas regras e punições, como discorre o trecho da Ata 69, de 01/08/1985 (Figura 8).

---

<sup>70</sup> Quando o depoente faz uso dos termos Barra, Quinta e Norte ele está se referindo à Povoação da Barra, Quinta Secção da Barra e São José do Norte respectivamente, já que é dessa maneira que os nativos mencionam os nomes desses lugares.

<sup>71</sup> Ata nº 61, de 25/07/1981.

1º Falta de elementos para trabalhar nas reuniões dançantes e também que a partir do próximo fim de semana deveria ser cobrado ingresso dos não sócios no valor de R\$ 5.000 (cinco mil cruzeiros), sendo por unanimidade aceito por todos.

2º Eliminação de alguns elementos e suspensão de 10 reuniões dançantes para alguns. Ficou assim: Durante a participação desta diretora os elementos conhecidos por: Cabeco, Chiquinho João Luis e toxinha, não participam das reuniões como também de outros acontecimentos, os placados por 10 reuniões dançantes: Nelsoninho - forquilha, Tonico pelado e cunhado do Anas. Por unanimidade todos ficam conforme

Figura 8: ata relatando a suspensão de pessoas dos bailes.

As comemorações de aniversário do clube também eram festividades características. Em outubro de 1981 o clube comemorava o seu cinquentenário, que foi festejado com uma reunião dançante com bolo, exclusivo para seus associados. Além disso, foi organizado um torneio interno de futebol, que teve medalhas como premiação<sup>72</sup>. As festividades se repetiam nesse período, como podemos constatar nos arquivos fotográficos do clube, assim como mostra o registro do 53º aniversário, em 1984 (Figura 9).

<sup>72</sup> Ata nº 63, de 13/10/1981.



Figura 9: festa do 53º aniversário do clube<sup>73</sup>

Outro evento bastante característico nos anos 80 e 90 são os concursos que o clube promovia para a escolha de suas rainhas e princesas, assim como a representação do S.C Barrense em desfiles para escolher a rainha do futebol amador de São José do Norte (Figura 10)<sup>74</sup>. Além desses, citam-se também os desfiles para a escolha da Rainha da Super Vison – nome da discoteca do clube.

---

<sup>73</sup> Não há registros fotográficos da festa de 50 anos do clube, mas os eventos se assemelhavam nesse período, o que resta comprovado em diversas fotografias da sede do clube nos anos 80. As fotografias eram tiradas de acordo com cada grupo social. Nessa foto aparecem os jogadores que compunham a equipe do S.C Barrense em 1984, em outras fotos aparecem somente as crianças, as mulheres e a diretoria do clube.

<sup>74</sup> A escolha da Rainha do Futebol Amador era um concurso em que participavam as rainhas de cada clube do município.





Figura 10: Desfile de escolha da Rainha do Futebol Amador de São José do Norte

Durante os anos 90 o clube continua promovendo bailes com um forte apelo da comunidade, contudo, nesse período, alguns acontecimentos – como o aparecimento de drogas – influenciaram diretamente no envolvimento da comunidade com as promoções do clube. Além disso, a acessibilidade ao município de São José do Norte ficou facilitada a partir de 1996, com o término da pavimentação da estrada que liga a Povoação da Barra ao centro da cidade. Guega, que era um dos principais envolvidos com a parte social da entidade, fala sobre os acontecimentos e transformações da época, da seguinte maneira:

Tudo mudou, porque na época o pessoal vinha com a finalidade de dançar, de namorar, de se divertir, depois que apareceu as drogas a coisa foi mudando, no momento em que a estrada chegou o pessoal já foi indo pra São José do Norte e as brincadeiras começaram a diminuir a frequência e começaram as brigas por causa de drogas, então a gente resolveu inclusive a acabar com as brincadeiras. Hoje não existe, lá uma vez que outra o clube faz um baile, quando faz.

Esses eventos promovidos por um clube de futebol dentro de uma comunidade faz com que as pessoas não apenas se identifiquem com as

agregações por essas representá-las, mas os clubes amadores acabam se tornando, através de suas sedes, por exemplo, um lugar de encontros, de convivência e de relações sociais, como discorre Rigo (2007, p. 90):

Além de atuarem agenciando pertencimento, identificam seus membros entre si e com o bairro, os clubes de futebol agem como catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas. Por sua capacidade de agregar e interagir com os moradores, eles se tornam agenciadores de sociabilidade, um lugar onde se forjam sentimentos e valores, um espaço utilizado para administrar as rivalidades, as diferenças e as tensões intrínsecas a todo bairro.

Assim, percebemos que um clube de futebol amador, dentro de uma comunidade, também atua, ou atuava no caso do S.C Barrense, como promotor de encontros e festas que envolvem a comunidade, organiza e impõe regras, possibilitando o entretenimento e fortalecendo a sociabilidade.

No entanto, esse clube faz parte de uma relação social muito maior do que somente a da sua comunidade. Afinal, segundo os depoentes, ele é permeado por distintos fatores (drogas e consequentes brigas nos bailes, por exemplo) e pelas infraestruturas urbanas que podem, como no caso específico do S.C Barrense, afetar o clube, tendo em vista que com a pavimentação da estrada, o acesso ao centro do município ficou facilitado. Dessa forma, muitas pessoas passaram a frequentar os espaços de entretenimento na cidade de São José do Norte, deixando ociosa a sede do clube que, atualmente, acaba recebendo um número considerável de pessoas somente em dias de jogos.

## **5- QUANDO A BOLA ROLA: O S.C BARRENSE EM CAMPO**

O primeiro jogo do S.C Barrense que se tem registro ocorreu no ano de 1932, entre o 1º e o 2º quadros do próprio clube, no qual aconteceu em paralelo uma festa para comemorar a partida inicial. Apesar de não ter informado a data exata do jogo, a organização da festividade foi pauta da Ata de número 3, do dia 16 de junho de 1932. Nesse dia, foi discutido e programado o batizado e o hasteamento do pavilhão do clube. Na mesma ocasião foi realizada pelas pessoas que compunham a assembleia “a escolha da senhorita que deveria ser a madrinha do pavilhão, sendo

escolhida para esse fim, por maioria de votos, a senhorita Deborah de Oliveira Andradas”.

Feito isso, foi discutida a programação da festa, sendo resolvido que às 10 horas uma comissão ficaria responsável por ornamentar o campo de jogo e às 14 horas seria realizado o jogo entre o 1ª e o 2ª quadros – sendo que esse deveria terminar às 15 horas. Após a partida, os jogadores e as pessoas que assim o quisessem deveriam regressar à sede para uma confraternização, que foi festejada, como discorrem os registros do clube, com “uma dúzia de foguetes, 3 kg de doces, e uma dúzia de gasosa”<sup>75</sup> (Ata nº 3, de 16/06/1932).

A segunda partida do S.C Barrense que se tem registro e o primeiro jogo contra outra equipe, aconteceu com o Cruzeiro, da vizinha localidade do Pontal da Barra. O jogo, realizado em 11 de setembro de 1932, terminou com a vitória do S.C Barrense pelo placar de 2 a 1<sup>76</sup>.

A primeira descrição dos nomes dos jogadores que compunham a equipe se deu em 1932, quando o S.C Barrense realizou uma partida de futebol com um time da Barra Nova<sup>77</sup>. O S.C Barrense venceu pelo placar de 2 a 1, com a equipe formada por: “João L. da Silveira, Elidio M. Barlavento, Osvaldo Farias, Accacio Silveira, Elcio B. Castro, Emilio A. de Castro, Alcides A. da Silveira, Luiz Pedro Vaz, Odalicio P. da Silva, João Rosca, José da Matta”<sup>78</sup>.

Após a realização de alguns jogos amistosos – de acordo com o Livro de Atas – o S.C Barrense receberia um convite de São José do Norte para a participação do que viria a ser o seu primeiro torneio – já que essa foi a primeira menção de uma competição no Livro de Atas –, quando seria ofertada uma taça:

Levando ao conhecimento de todos o recebimento de um ofício de São José do Norte com data de 4-9-933 depois de todos estarem sientes deu consentimento ao Srº secretario para fazer a leitura do dito ofício o qual convida o S. C. Barrense para disputar uma taça em torneio a 17 do corrente, com os seguintes clubes, Pontal Futebol Club, Lutador Gaucho, Barrense e G.S Juvenil Nortense<sup>79</sup>.

Sendo assim, os jogadores que compuseram a equipe do S.C Barrense, na participação do seu primeiro torneio, foram: “João Silva, Olimpio, Orlando Lima,

<sup>75</sup> Gasosa s.f. Soda limonada. (Minidicionário LUFT, p.401).

<sup>76</sup> Ata nº 04, de 11/09/1932. O Pontal da Barra fica cerca de 7 km de distância da Povoação da Barra.

<sup>77</sup> Não há maiores detalhes sobre o nome do time e onde se localizava a Barra Nova.

<sup>78</sup> Ata nº 09, de 30/10/1932.

<sup>79</sup> Ata nº 17, de 09/09/1933.

Osvaldo Faria, Luiz P. Vaz, Olintho Nascimento, Alcides Silveira, Acacio Silveira, e João Rosca”. Um fato curioso é que, ao registrar em Ata o nome de todos que fizeram parte da conquista, tem-se somente o nome de nove jogadores<sup>80</sup>.

De acordo com os depoentes e segundo os registros no Livro de Atas, o S.C Barrense, até os anos 70, disputava somente amistosos e pequenos torneios, não participando do Campeonato Amador de Futebol do município, que passou a ser promovido a partir de 1959.

Os relatos de Seu Luiz (2011) contam que o clube combinava amistosos que geralmente aconteciam em duas partidas, ou seja, se fazia a visita e depois a visita era recebida, ou vice-versa. Guega (2011) também corrobora com as informações dos jogos nesse período dizendo que existiam muitos torneios e que quase todos os domingos tinham-se jogos amistosos.

Nesse período, o deslocamento do time e da torcida, devido às péssimas condições da estrada, era realizado em embarcações (botes) para as localidades mais próximas, como o Pontal da Barra, Cocuruto e até mesmo para São José do Norte. Já para as localidades mais distantes como Bujuru<sup>81</sup>, por exemplo, as excursões eram feitas de ônibus (pau de arara)<sup>82</sup>, que se deslocavam pela beira da Praia do Mar Grosso, já que não existia uma estrada com condições de trafegabilidade (Entrevista, GUEGA, 2011).

## **5.1 - O BARRENSE NO CAMPEONATO AMADOR DE SÃO JOSÉ DO NORTE**

A década de oitenta passa a ser um grande marco na vida futebolística do clube, já que a partir de 1981 o S.C Barrense se inscreve, pela primeira vez, para disputar o campeonato amador de São José do Norte. Campeonato esse que já era realizado desde 1959 e que mesmo o S.C Barrense sendo o clube mais velho do município em atividade, não havia participado até então.

---

<sup>80</sup> Ata nº 18, de 21/09/1933. Os documentos do clube registram a vitória do S.C Barrense pelo placar de 1 a zero e a consequente conquista de uma taça, mas não discorre sobre maiores detalhes do torneio e nem sobre a equipe que o S.C Barrense enfrentou.

<sup>81</sup> Distâncias entre Povoação da Barra e localidades citadas no texto: Pontal da Barra (7 km), Cocuruto (10 km), São José do Norte (16 km) e Bujuru (80 km).

<sup>82</sup> Ônibus feitos com uma carroceria de caminhão e aberto nas laterais, tendo somente lonas que poderiam ser puxadas quando necessário. Os assentos eram bancos de madeira ao comprido, que iam de uma lateral a outra do veículo.

Durante as suas primeiras participações na competição, o S.C Barrense monta equipes praticamente só com jogadores da comunidade ou que, pelo menos, tinham certa relação parental ou de amizade com algum nativo.

Isso faz, de acordo com os depoentes, com que o clube, jogadores e torcedores tivessem uma relação de pertencimento diferenciada, já que o time era formado por pessoas muito próximas e em muitos casos parentes formavam boa parte do time.

Para o campeonato de 1983 a diretoria resolve “fichar”<sup>83</sup> jogadores de fora da comunidade, devido ao fato de os da própria localidade terem compromissos com a pescaria, já que grande parte dos jogadores eram pescadores – o que, por vezes, dificultava a presença de todos nos jogos do campeonato<sup>84</sup>.

Contudo, o clube mantém a política de não pagar jogadores<sup>85</sup>, o que já era comum em outros clubes do município desde os primeiros anos de campeonato. De acordo com Guega (2011), o clube se responsabilizava pelo deslocamento dos jogadores até a Povoação da Barra e também ofertava lanche após as partidas. Mais tarde passou a arcar também com equipamentos de jogo, como chuteiras e luvas para os goleiros.

O S.C Barrense passou a ser um frequentador do campeonato municipal nos anos 80, no entanto, nesse período, pautado pelo viés de conquista de títulos, o clube não figurava entre os grandes do futebol nortense. Não havia investimento em jogadores de fora da comunidade, que pudessem qualificar mais o time, não podendo assim equiparar-se a outros clubes – econômica e tecnicamente mais preparados. Mas tudo isso mudaria a partir de meados dos anos 90.

---

<sup>83</sup> O termo fichar é muito comum no futebol amador e diz respeito a uma ficha que o jogador assina antes do campeonato, ficando tal jogador vinculado ao clube durante toda a competição.

<sup>84</sup> A pesca não é uma atividade com rotina pré-estabelecida de dias e horários, estando os pescadores sujeitos às condições naturais, o que impossibilitava, por vezes, alguns jogadores comparecerem aos jogos, desfalcando-se o time.

<sup>85</sup> Ata nº 66, de 20/02/1983.

## 5.2 - S.C BARRENSE: UMA POTÊNCIA DO FUTEBOL AMADOR DE SÃO JOSÉ DO NORTE

Depois de mais de uma década disputando o campeonato de futebol amador de São José do Norte a concepção de se fazer futebol na Povoação da Barra passa por uma transformação, principalmente a partir de meados dos anos 90.

No ano de 1995 o S.C Barrense chega pela primeira vez a uma final do Campeonato Municipal e justamente contra o seu maior rival, G.E Beira-Mar, que também se tornara finalista pela primeira vez. Depois de dois empates o S.C Barrense perdeu o terceiro e decisivo jogo da final.

A presença das duas equipes na decisão do campeonato de 1995 causou tamanha surpresa nos desportistas nortenses, que o radialista e cronista esportivo, Oswaldir Santos, ao publicar uma matéria intitulada “Raridade”, discorria sobre o quadrangular final do campeonato de 1996 dizendo: “outra decisão entre os dois clubes da Barra dificilmente voltará a acontecer” (Folha do Norte, 01/11/1996, p.11)<sup>86</sup>.

De fato, a final entre as duas equipes não aconteceu em 1996, contudo, desde então, o S.C Barrense nunca mais deixou de figurar entre os favoritos ao título do certame nortense. E em 1997 o S.C Barrense chegava a sua segunda final – dessa vez, contra o Esporte Clube Bujuru – e o clube se tornava, pela primeira vez, campeão municipal de futebol.

O clube viria a disputar outra final no ano de 2002, sagrando-se bi-campeão sobre a equipe do Esporte Clube Passinho. No ano seguinte, 2003, o S.C Barrense conquistava o tri-campeonato em cima do Liberal Foot Ball Club<sup>87</sup>.

Contrariando o prognóstico feito por Oswaldir Santos em 1996, os últimos dois títulos – o tetra e o penta campeonato – que vieram em 2004 e em 2010, aconteceram sobre o G.E Beira-Mar. Além dessas finais, o S.C Barrense depois de ter perdido para o G.E Beira-Mar, em 1995, foi derrotado mais duas vezes pelo seu rival, nas decisões de 2008 e 2009, totalizando assim, cinco finais entre as duas

---

<sup>86</sup> Quando o cronista refere-se aos clubes da Barra faz menção às localidades da Povoação da Barra e da Quinta Secção da Barra, que para muitas pessoas que não são da região, e pela proximidade das localidades, acabam representando quase um mesmo espaço geográfico.

<sup>87</sup> O E.C Bujuru é da localidade de Bujuru, o E.C Passinho pertence à localidade do Passinho e o Liberal F.B.C é da cidade de São José do Norte.

equipes. O clube também possui um vice-campeonato na Copa dos Campeões (2008)<sup>88</sup>.

O S.C Barrense, que passou 16 anos sem conquistar títulos municipais (1981 a 1996), é na atualidade um dos maiores vencedores do município<sup>89</sup>, sendo, ao lado do G.E Beira-Mar, de acordo com os discursos informais e a crônica esportiva nortense, as duas maiores potências do futebol amador na última década.

A transição – de um time que participava dos campeonatos para um time que passa a conquistar títulos – começa a partir do momento em que o clube investe em jogadores de fora da localidade, formando equipes mais competitivas com jogadores oriundos de São José do Norte e do Rio Grande. Assim, o S.C Barrense deixa em segundo plano seu papel social perante a comunidade e passa a ser prioritariamente um clube de futebol vencedor, que ganha títulos, figurando definitivamente entre os maiores clubes do município.

### **5.3- RIVALIDADE: S.C BARRENSE x G.E BEIRA-MAR**

Falar em esporte, em especial em futebol, realmente não me apraz, e, ainda mais aqui em São José do Norte, onde se vê que qualquer fundamento esportivo é regido por mandamentos nada técnicos, senão puramente afetivos e ilógicos. Sabem todos, que pela própria tradição familiar que faz de meus tios, avôs e também meu pai, pessoas ligadas ao esporte, é inevitável não ter ao menos uma idéia do que acontece no município. Acho absolutamente insólita a relação entre as torcidas de Beira-Mar e Barrense. Para minha humilde interpretação, soa como filhos da mesma mãe e pai, brigando pra provar quem é o mais amado, num conflito absolutamente irracional, [...] nenhuma torcida admite ver no outro algum virtuosismo. O que é mais estranho ainda, é ver que duas localidades tão próximas geograficamente falando, possam estar a léguas separadas pelo fanatismo futebolístico. Existe uma nuance quase literária nisto tudo. Parece saga secular de famílias que imperam absolutas em terras disputadas, mas que invariavelmente tem suas diferenças abrandadas com a união de seus filhos. Eu sei que muitos torcedores do Beira-Mar possuem laços consangüíneos com torcedores do Barrense, mas vejo que nem isso serve para evitar os histerismos, ainda mais em decisão de campeonato.

---

<sup>88</sup> A Copa dos Campeões foi uma competição realizada uma única vez, no ano de 2008, em que participaram somente as equipes que já tinham sido campeãs municipais. O torneio foi vencido pelo Esporte Clube Guarani, da localidade do Capão do Meio.

<sup>89</sup> O S.C Barrense, com 5 títulos, está em 5º lugar no ranking do futebol nortense no que diz respeito à conquista de campeonatos, atrás de Liberal Foot Ball Club – 11 títulos, Bento Gonçalves Futebol Clube – 8 títulos, Esporte Clube Oriente e Grêmio Esportivo Beira-Mar – 6 títulos. Além desses, outras 9 agremiações conquistaram o certame nortense: Esporte Clube Bujuru e Esporte Clube Ari Barroso – 4 títulos, Ferrari Futebol Clube e Esporte Clube Divisa – 2 títulos, Grêmio Esportivo Cocuruto, Esporte Clube Guarani, Esporte Clube Tamandaré, Associação Esportiva Varzense e Esporte Clube Fortaleza – 1 título (Registros do Departamento Municipal de Esportes).

Sinceramente, isto está longe do meu entendimento... E faço meu palpite para a decisão: só que por questão de amor ao meu corpo, prefiro omitir... (SANTOS, Ana Clara Tissot dos. Folha do Norte, p.2, 30/12/1995).

O texto supracitado, elaborado por uma leitora do jornal nortense diz respeito a um momento histórico não só para os dois clubes e suas comunidades, mas também para o futebol amador de São José do Norte. Em 1995, pela primeira vez, o certame municipal seria decidido com um clássico entre S.C Barrense e G.E Beira-Mar – sendo que nenhuma das duas equipes, ao longo de suas histórias, havia alcançado tal êxito. Esse momento em especial causou um frenesi no município e principalmente nas comunidades envolvidas.

No entanto, o texto deixa transparecer a visão de uma pessoa que, apesar de ter conhecimento sobre o futebol nortense, mesmo que de forma indireta através de seus familiares, não tem a relação – pelo menos seu discurso deixa transparecer isso – de pertencimento, de estar envolvida intensamente com algum clube.

Como discorre Damo (2002, p. 12), “torcer é o mesmo que pertencer, o que significa, literalmente, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos e vivenciar excitações agradáveis ou frustrações”. Esse entendimento de Damo vai ao encontro do texto publicado no Jornal Folha do Norte, que tenta descrever o significado, o sentimento que envolve a rivalidade entre os dois clubes e as duas comunidades.

Neste jogo, está mais do que os clubes propriamente dito. Está o amor próprio, a rivalidade acalentada há longos anos por duas comunidades que vivem juntas mas que não comungam dos mesmos gostos, dos mesmos desejos, dos mesmos pensamentos. O que é bom para uma é ruim para outra. A que uma gosta a outra odeia. O que é bonito para uma é horrível para outra. Quem quiser entender o porquê desta diferença, precisa morar em uma das duas comunidades, visto que não há ninguém que possa explicar, só convivendo é possível entender as razões que a própria razão desconhece. ‘A banda da banda de cá, não gosta da banda da banda de lá e vice-versa’, e estamos conversados (Folha do Norte, 30/12/1995, p.15).

Como descreve o jornal, de fato é muito difícil de entender as relações que permeiam essa rivalidade, para isso seria necessário morar ou na Povoação da Barra ou na Quinta Secção da Barra<sup>90</sup>, ser Barrense ou ser Beira-Mar, ser verde ou ser vermelho, respectivamente.

---

<sup>90</sup> As duas comunidades são muito próximas uma da outra, distantes cerca de 800 metros (ver anexos) e possuem características bastante parecidas, pois ambas são comunidades de pescadores, possuem um único clube de futebol e promovem festas religiosas, tendo cada comunidade o/a seu/sua padroeiro(a), sendo a Nossa Senhora da Boa Viagem na Povoação da Barra e São Pedro na Quinta Secção da Barra.



Assim, através da minha relação muito próxima com as comunidades e com o S.C Barrense em especial, somada aos depoimentos orais, tentaremos descrever sobre a história desse embate, dentro e fora dos gramados.

O G.E Beira-Mar foi fundado em 26 de outubro de 1938, ou seja, sete anos após o S.C Barrense ter sido oficializado. O S.C Barrense realizava em 8 de janeiro de 1939, de acordo com os registros em ata, seu primeiro jogo com aquele que hoje vem a ser o seu maior rival, o G.E Beira-Mar – pouco mais de dois meses após a fundação desse clube<sup>91</sup>. No mesmo ano, em 11 de junho, o S.C Barrense e G.E Beira-Mar, se enfrentaram mais uma vez<sup>92</sup>. Logo em seguida, em 20 de agosto de 1939, as equipes novamente realizaram uma partida<sup>93</sup>. Cabe ressaltar que em nenhum momento se fez menção aos resultados dos jogos.

Em setembro de 1939, o Santos F.B.C<sup>94</sup> envia um ofício para o S.C Barrense, convidando o clube para participar de uma “tarde sportiva a realizar-se no dia 10 deste mez o qual vamos enfrentar aos nossos co-irmao não menos digo: G.S Beira-mar”<sup>95</sup>. Contudo, por motivos que não foram registrados em Ata, alguns sócios protestaram contra a participação do S.C Barrense na referida tarde esportiva, pelo fato de que o adversário, na ocasião, era o G.E Beira-Mar. Os protestantes aceitavam a participação na tarde esportiva caso o S.C Barrense jogasse com outro time, mas não com o G.E Beira-Mar.

É possível que tenha havido algumas discórdias nos jogos anteriores que originaram tal reação de alguns sócios, já que os clubes vinham realizando jogos seguidos, o que nos faz levantar a hipótese de que em menos de um ano de clássicos (3 jogos de acordo com as Atas) já haviam surgido desavenças entre os clubes.

Essa rivalidade perdura até os dias atuais, mas passou e vem passando por diferentes significados ao longo da história, como deixa transparecer Beto (2011), quando relata momentos de conflitos entre as comunidades:

Essa rivalidade já foi muito mais agressiva, por exemplo, na época do meu avô do teu avô, quem era Beira-Mar não entrava na sede do Barrense e quem era Barrense não entrava na sede do Beira-Mar. Um torcedor de um time que entrasse na sede do outro..., pah! Hoje ela é uma rivalidade que se detêm mais dentro do campo mesmo.

---

<sup>91</sup> Ata nº 28, de 28/12/1938.

<sup>92</sup> Ata nº 30, de 07/06/1939.

<sup>93</sup> Ata nº 33, de 15/08/1939.

<sup>94</sup> Não há menção de qual localidade pertencia esse clube.

<sup>95</sup> Ata nº 34, de 06/09/1939.

O relato de Guega também esclarece as mudanças de significado da rivalidade, ao longo dos tempos, quando fala sobre acontecimentos mais hostis. Nesse caso, como discorre DaMatta (1994), o futebol, além de despertar paixões, promovia, se referindo ao esporte do início do século, incontida violência, igualando homens e mulheres enquanto torcedores, deixando de lado pudores e composturas:

Hoje não tem tanto, a rivalidade antigamente era bem maior, o jogo ia ser as 3 da tarde a 1 da tarde já estavam brigando as mulheres do Beira-Mar com as do Barrense e vice-versa. Eu me recordo muito bem que o pessoal já vinha cedo pra ver o jogo da preliminar e o pessoal com barracas vendendo e, ó já deu briga lá por causa disso por causa daquilo, hoje não existe mais isso aí, não tem tanta rivalidade como tinha antigamente. Era uma coisa normal quando tinha clássico, mais até entre as mulheres que eram mais fanáticas (Entrevista, Guega, 2011).

Apesar dos depoentes fazerem menção a conflitos e brigas de forma mais pretérita, algumas confusões durante os clássicos aconteceram em tempos não tão distantes, se comparados aos 73 anos de rivalidade entre os clubes. De acordo com relatos informais, os anos 90 ficaram marcados por grandes confusões e brigas generalizadas entre jogadores e torcedores, inclusive, com pessoas sofrendo fraturas e um veículo virado – como aconteceu no ano de 1997, em um clássico realizado na Quinta Secção da Barra.

Alguns anos antes, em um jogo válido pelo campeonato de 1991, realizado também na Quinta Secção da Barra, uma série de confusões fez com que a partida acabasse antes do previsto, como está relatado em uma súmula.

O jogo ficou paralisado aos 15 min. do segundo tempo sendo invadido pela torcida do Barrense, sendo que um torcedor do Barrense estava armado dentro do campo fazendo ameaças para mim e aos jogadores do Beira-Mar. [...] aos 23 minutos do segundo tempo o massagista do Barrense invadiu o campo sem minha autorização e dei o cartão vermelho, sendo que o resto da torcida do Barrense invadiu novamente o campo, sendo o jogo encerrado por mim aos 23 min. do segundo tempo.

A súmula ainda continha outros detalhes:

Na hora que a torcida do Barrense invadiu o campo partiu um arame da parte superior da cerca que da para a praia do oceano de ponta a ponta. O srº Altair M. da Costa não quis me entregar a bola que o mesmo estava sentado em cima, dizendo que aquela bola não e atirou para sua torcida a mesma<sup>96</sup>.

---

<sup>96</sup> Súmula do jogo entre G.E Beira-Mar e S.C Barrense, do dia 28/07/1991, válido pela 4ª rodada, do 2º turno, da 1ª fase do campeonato municipal.

Essas transformações na rivalidade entre os clubes e no relacionamento entre as pessoas estão permeadas de mudanças nas relações sociais entre tais clubes, comunidades e jogadores. Podemos constatar isso com o relato de Beto (2011) sobre o fato da rivalidade nos tempos atuais estar voltada somente para dentro do campo, já que, em geral, os jogadores têm um vínculo menor de pertencimento com os clubes: “No momento em que tu começou a pagar jogadores o que que começou a acontecer? Hoje o cara joga no Beira-Mar, ano que vem ele joga no Barrense e vice-versa”.

Mesmo com essa dinâmica, o jogo entre S.C Barrense e G.E Beira-Mar, de acordo com Beto (2011), é “a maior rivalidade do futebol nortense, disso eu não tenho dúvida nenhuma, até porque como times são as duas maiores expressões do campeonato hoje”. O entendimento de Beto (2011) é pautado também nos dados dos campeonatos das últimas décadas, já que, de 2002 a 2011, ambos ou pelo menos um dos dois clubes chega à final do campeonato.

Por outro lado, a rivalidade dentro das quatro linhas fez com que os clubes tivessem outra relação entre eles, pois ambas as equipes passaram a qualificar cada vez mais os seus times, para não perderem para o rival. De acordo com Beto (2011), isso ajudou a alavancar os times, já que a cada começo da temporada há pressão dos torcedores, principalmente dos que ajudam financeiramente o clube para que monte uma equipe mais qualificada que o G.E Beira-Mar.

Tu começa a montar um time e daqui a pouco tu vai conversar com um torcedor pedi uma ajuda, ele já vai te dizer ó, mas o Beira-Mar tem o fulano e o fulano, o time deles é bom. Sempre tem a cobrança, desde que tu começa a montar o time, em torno do Beira-Mar. Um vive praticamente em função do outro, tu quer fazer um time forte porque depois tu é cobrado, durante o jogo, depois do jogo, o torcedor te cobra (Entrevista, BETO, 2011).

Assim vem sendo a rivalidade entre S.C Barrense e G.E Beira-Mar ao longo dessas décadas. Talvez a escrita não consiga expressar com plenitude essa relação, esses conflitos, e talvez isso nem seja possível, pois, como publicou o Jornal Folha do Norte (30/12/1995, p.15): “[...] não há ninguém que possa explicar, só convivendo é possível entender as razões que a própria razão desconhece”.

## 6 - O CLUBE HOJE

Para se tornar um dos principais clubes de futebol em São José do Norte o S.C Barrense teve que mudar o jeito de se fazer futebol. O depoimento de Beto (2011) deixa bem claro os motivos e as mudanças que aconteceram ao longo dos anos:

Hoje, o futebol amador de São José do Norte é um futebol que não é mais amador, e o Barrense desde antes dos anos 80, final de 80 até início de 90 o Barrense não investia e hoje em dia se tu quiser chegar tu tem que investir, tem que pagar jogadores, se não pagar... E o Barrense começou a mudar essa mentalidade no início de 90, 93, 94, 95, foi quando o Barrense conseguiu chegar a primeira final. O Barrense não chegava porque não investia, era só jogadores da casa, todo mundo jogava de graça. Não chegava nunca, porque tinha o Bento<sup>97</sup> que investia que pagava, tinha Bujuru, tinha o próprio Liberal, Pontalense<sup>98</sup>, o próprio Cocuruto que trazia aqueles caras da Vila Santa Tereza<sup>99</sup>, conseguia chegar, o Barrense não investia, então não chegava. Então a partir de 94, 95, começou a mudar, que começou aquele negócio, se a gente quiser ganhar alguma coisa vamos ter que começar a investir, vamos ter que começar a pagar e daí em diante o Barrense começou a chegar, pode notar que de 95 pra cá, todos os anos que o Barrense disputa ou é semi-finalista ou é finalista ou é campeão, sempre chegando.

De acordo com o que relatou Beto (2011), a justificativa para passar a investir no futebol foi o fato de que investindo ou não, ao participar de um campeonato o clube tem despesas e, a partir do momento em que não se conquista títulos, o torcedor começa a se desestimular.

No futebol amador de São José do Norte, pelo menos na atualidade, o torcedor acompanha a equipe de acordo com as campanhas: se o time não vai bem a torcida se afasta e deixa de colaborar financeiramente, já se o clube monta um time vencedor a comunidade comparece aos jogos e apoia.

Tu sabe que no futebol só vale a vitória, no momento que tu passa a não ganhar o cara começa a não te ajudar mais, aí chega uma hora que tu tem que dizer, olha nós temos que tomar outro rumo, se a gente quiser chegar tu tem que começar a investir e foi aí que o Barrense começou a investir e começou a ganhar (Entrevista, BETO, 2011).

Guega (2011) corrobora com essa ideia quando declara:

---

<sup>97</sup> O Bento Gonçalves Futebol Clube é um time da cidade de São José do Norte e dominou grande parte dos campeonatos nos anos 80.

<sup>98</sup> O Esporte Clube União Pontalense era um clube da localidade do Pontal da Barra, distante cerca de 7 km da Povoação da Barra e 9 km da cidade de São José do Norte.

<sup>99</sup> Bairro da cidade do Rio Grande que fica às margens da Laguna dos Patos, em frente à localidade do Cocuruto, que fica às margens da Laguna pelo lado de São José do Norte.

Se vamos entrar no campeonato pra gastar, porque no campeonato tem que se comprar bola, comprar fardamento, tem que pagar a condução, pagar pra lavar roupa, enfim, é uma despesa enorme. Porque nós vamos entrar no campeonato só pra ter despesa? Nós vamos entrar no campeonato pra vencer, pra entrar no campeonato pra vencer nos vamos ter que gastar mais um pouquinho. Fazendo o quê? Trazendo jogadores, vendo o que eles vão pedir, se temos condições de pagar, vamos atrás de alguém que colabore, porque o clube mesmo em si não tem condições. Foi aí que nós conseguimos conquistar títulos.

Percebemos que os discursos dos depoentes convergem para uma mesma opinião, no que diz respeito à necessidade de investir em um time qualificado caso o clube participe do campeonato, já que os gastos são inerentes a uma competição. Esse posicionamento das diretorias, a partir da década de 90, como foi relatado, fez com que o clube montasse equipes competitivas, passando a figurar entre os finalistas em todos os campeonatos.

## **6.1 - A GESTÃO DE UM CLUBE AMADOR**

É complicado, porque é muita despesa, o futebol nortense hoje ele é muito caro, hoje tu não pode mais fazer um bingo<sup>100</sup>, de primeiro tu fazia um bingo, hoje não pode fazer mais. Então que que a gente faz? Tu conta com a colaboração do torcedor, tu vai num, vai noutro. Porque é muito caro o futebol hoje, pra tu ter uma idéia, se tu for jogar em Bujuru o ônibus te cobra 700 reais. A gente faz, trabalha por que gosta, agora todo final de semana é um quebra-cabeça como é que tu vai fazer pra pagar essa despesa. A arbitragem hoje num final de semana no inicio do campeonato é em torno de 300 reais, 320. Então assim ó, é bem difícil. Quando tu faz um time bom que o pessoal acha que vai chegar, tu vai e o pessoal começa a te ajudar, quando os resultados vão dando certo o pessoal vai te ajudando, um final de semana um te ajuda o outro te ajuda, pega aqueles caras que te ajudam por mês, mas é só assim, e hoje em dia, se tu faz um time no Norte pra disputar o campeonato e tu não chega a final, no mínimo a semi-final, tu toma um prejuízo de no mínimo cinco mil reais, cinco, seis mil. Se tu chegar a final, independente de tu ser campeão ou não, tu chegou a decisão tu sabe que tu vai pagar as tuas despesas todinhas, tu chegou a final tu paga ônibus, bebida, jogador, a loja de esportes, isso que nos últimos anos a gente tem arrumado fardamento, porque hoje um fardamento completo aí, 20 camisetas, 20 pares de meias e 20 calções da mais de mil reais (Entrevista, BETO, 2011).

O relato acima demonstra o quão complexo, no âmbito financeiro, é administrar um clube de futebol amador no município de São José do Norte, principalmente tratando-se de um clube de uma pequena comunidade de pescadores e que, nos tempos atuais, prima por montar times competitivos.

Para se manter, além da ajuda das pessoas da comunidade e do ingresso cobrado na entrada do campo em dias de jogos, que variam entre 2 e 3 Reais, dependendo da fase da competição há, de acordo com Beto (2011), alguns

---

<sup>100</sup> O Ministério Público proibiu a realização de bingos no município de São José do Norte.

colaboradores que mensalmente repassam certa quantia para o clube, como relatou o depoente: “uns davam 10 reais, outros davam 15, tinha aí uns 4 ou 5 que davam 50 por mês, a maioria é 10 pila<sup>101</sup> que os cara dão por mês, 10, 15, no máximo 15”.

Para se montar um time competitivo atualmente o S.C Barrense conta com alguns jogadores da comunidade, mas em sua grande maioria os jogadores são oriundos das cidades de São José do Norte e do Rio Grande. De acordo com Beto (2011), o acesso a esses jogadores se dá pelo conhecimento no meio futebolístico, por indicações dos próprios jogadores e de treinadores que nos últimos anos também são ou do Rio Grande ou de São José do Norte. No entanto, de acordo com o depoente, não basta ser bom tecnicamente, existem outros critérios que devem ser levados em consideração para se fichar um jogador.

Hoje tu tem que ver muito a questão do homem também, tem um cara que é bom jogador, bah o cara é bom pra caramba, mas aí tu vai conversar com o cara daqui a pouco tu vê que o cara não tem compromisso nenhum contigo. Vai lá tu dá um dinheiro pro cara daí chega sábado de noite ela vai pra festa, chega 6 da manhã em casa, domingo de manhã tem um joguinho lá na vila ele vai e joga, aí chega aqui pra jogar te pega dinheiro e..., o cara chega mortinho e não tá nem aí pra ti. Então tu tem que levar em conta se o cara financeiramente é viável e a questão do homem, como é que ele é, o comprometimento que ele vai ter contigo de pelo menos tu chegar e dizer assim pro cara ó, domingo duas da tarde tu tem que tá no campo tal, e o cara vai tá. Porque daqui a pouco tu acerta com o cara, e diz não, não tem problema, chega nos domingo, ah hoje o meu filho ta doente. Porque tu nunca sabe com quem tu vai conta é no domingo que tu vai saber. Porque às vezes tu acerta com o cara mas o cara tem um trabalho no domingo, muitas vezes o cara não quer ir porque tá frio, porque o jogo é lá no interior e o campo tá cheio d'água, daí o cara da aquele golpe de, bah minha mulher tá doente, o meu guri tá com febre. Então quando tu vai montar um grupo tu tem que ver a questão financeira, se o cara é bom jogador, quanto ele vai te cobrar e como é que é o homem, porque daqui a pouco tu ficha um bom jogador mas que não tem comprometimento nenhum e acaba te incomodando o ano todo e não te da a resposta (Entrevista, BETO, 2011).

No que diz respeito ao acerto financeiro com os jogadores, Beto (2011) diz que não há mais ninguém que jogue de graça, pelo menos no S.C Barrense. Segundo o depoente, há muitos anos que isso não acontece, com exceção dos jogadores do segundo quadro (aspirantes). O valor a ser pago varia de jogador para jogador e em geral o pagamento é feito por jogo – logo, se o jogador não comparece à partida, não recebe. Além disso, com a maioria dos jogadores, o clube tem que pagar algum valor antes do campeonato, como forma de assegurar o jogador e firmar um compromisso.

---

<sup>101</sup> Relativo a dinheiro, 10 pila é o mesmo que 10 Reais.

O teto de pagamento do clube nos últimos anos, de acordo com Beto (2011), foi de R\$ 70,00 por jogo para os jogadores mais renomados e melhores tecnicamente e o valor mínimo foi de R\$ 35,00. No planejamento para o campeonato de 2010 o clube calculou uma média de R\$ 50,00 reais por jogador a cada partida durante a temporada. Considerando que nos últimos certames os finalistas jogavam cerca de 20 jogos, o clube planejou pagar em média R\$ 1.000,00 reais para cada jogador pelo campeonato inteiro.

Com esse investimento o clube gasta, a cada jogo em casa, cerca de R\$ 1.100,00, variando de R\$ 750,00 a R\$ 800,00 com os jogadores e R\$ 320,00 com a arbitragem. Além disso, ainda há o gasto com lanches e bebidas para os jogadores. Como relatou Beto (2011), o custo total do clube durante o campeonato de 2010, que foi o utilizado como parâmetro nessa análise, girou em torno de R\$ 25.000,00 ao longo de toda a temporada.

## **7 - A INFLUÊNCIA DAS MUDANÇAS SOCIAIS SOBRE O FUTEBOL AMADOR**

Percebemos durante o estudo uma série de mudanças ocorridas ao longo de décadas de futebol, tanto no âmbito social do clube em relação à comunidade, na formação e nos interesses do time propriamente dito e nas transformações da paisagem<sup>102</sup>. Essas transformações fazem parte de um conjunto de mudanças que aconteceram de forma quase que generalizada na sociedade.

Entre as transformações sócio-futebolísticas merecem destaque três variáveis, que são interdependentes, umas sendo causa e/ou consequência de outras. A primeira delas é como o clube deixou de formar ou aproveitar jogadores da própria comunidade; a segunda é compreender quais os principais fatores que fizeram o S.C Barrense deixar de ter um grande significado no âmbito social, voltando-se prioritariamente para o futebol e, por fim, a diminuição do número de torcedores nos jogos e a relação de pertencimento da torcida com o time.

Começamos refletindo sobre a origem dos jogadores que compunham o S.C Barrense. Percebemos ao longo da pesquisa que o clube formou suas equipes nos

---

<sup>102</sup> De acordo com Santos (1988, p.61), “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formado apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc”.

primeiros anos de campeonato, quase que em sua totalidade, com jogadores oriundos da Povoação da Barra, no entanto, como mostrou o estudo, a formação de uma equipe nesses moldes atualmente é praticamente impossível. Como relata Guega (2011), o número de pessoas interessadas em praticar futebol era bem maior antigamente o que facilitava o surgimento de bons jogadores:

Todos os dias na frente da antiga sede do Barrense, todas as tardes de verão tinha mais de 40 pessoas jogando bola, em torno de 20 às vezes 25 pessoas pra cada lado e muita gente esperando vaga pra entrar, havia um número expressivo de pessoas pra jogar bola, depois iam pro campo do Barrense, anoitecia a bola na época era branca só se via a bola rolando e era uma briga pra se entrar no jogo, tinha que esperar, eram 20, 30 pra cada lado, não eram 11. Hoje nós não temos, se for fazer um time da comunidade, dizer assim ó, o Barrense hoje vai jogar só com gente do lugar, até consegue mas vai tomar uma goleada não sei de quanto porque não tem aqueles jogadores de que realmente se necessita.

Beto (2011) corrobora com a ideia anterior, dizendo que os jovens passaram a ter outros atrativos, perdendo o interesse pelo futebol:

Qualquer canto tinha um campinho com 15, 20 guri jogando futebol, hoje tu não vê mais isso aí. Aqui na Barra mesmo naquele campo ali na frente da antiga sede do Barrense todo dia tinha futebol ali e tava sempre lotado, chegava a fazer três times, hoje tu não vê mais isso. Eu não sei se é por causa da internet que hoje a gurizada fica na internet, tem vídeo game e a gurizada não participa. Na minha opinião é por causa disso, não sai mais guri, não tem mais aquele interesse pelo futebol, de primeiro a gurizada só jogava futebol e hoje eles tem outros tipos de atividade, por isso é que não dá, não tem, os guri não querem mais jogar bola.

Nessa perspectiva fica a ideia – de acordo com os relatos de Guega e Beto – de que o principal fator que influenciou a não formação ou aproveitamento de jogadores da própria localidade foram os acessos a outros meios de diversão que os jovens de hoje possuem, deixando de terem o futebol como uma das únicas opções de entretenimento, como era há algum tempo atrás.

O segundo fator a ser analisado nas mudanças sociais que ocorreram na comunidade é a função social que o clube possuía até meados dos anos 90. Como relatou Guega (2011), a comunidade tinha a sede do clube como um ponto de entretenimento, onde as pessoas se reuniam para jogar, conversar e dançar durante os bailes. No entanto, algumas mutações sociais acabaram influenciando nessa dinâmica.

Guega (2011) relata que o aparecimento de drogas mudou o interesse das pessoas que iam aos bailes. Além disso, a pavimentação da estrada que liga a



Povoação da Barra a São José do Norte facilitou o acesso ao centro da cidade, fazendo com que muitas pessoas buscassem outros espaços de entretenimento.

Somado a tudo isso, atualmente, a Povoação da Barra dispõe de qualquer meio tecnológico de um espaço urbano, como a internet que já foi citada e também canais de televisão via satélite, fazendo com que as pessoas não necessitem mais ir à sede do clube para ter um momento de entretenimento, já que elas podem dispor do conforto de suas casas para assistir a programação de televisão, por exemplo.

Com os impulsos da urbanização, o espaço habitado, tanto na zona rural como nos centros urbanos, torna-se um espaço cada vez mais instrumentalizado, culturizado e tecnificado (SANTOS, 1988).

Assim, parece que, involuntariamente, o clube deixou de desempenhar seu papel social perante a comunidade – excluindo-se aí a prática do futebol –, em detrimento à imposição de outros meios virtuais de entretenimento, do qual o clube e a comunidade foram imersos nessa dinâmica cultural.

Como discorre Santos (1988), as transformações do espaço habitado – seja no âmbito quantitativo ou qualitativo – revelam o dinamismo do fenômeno humano. Assim, relacionando os depoimentos supracitados com a distinção entre “paisagem funcional” e “paisagem estrutural” de Santos (1988, p.69), percebemos que a paisagem na Povoação da Barra sofreu uma mudança funcional ao deixar de ter uma utilidade futebolística, mas não sofreu, no que tange aos espaços de jogo, uma mudança estrutural, já que as paisagens futebolísticas – o campo e a sede do clube, além dos campinhos de “pelada”<sup>103</sup> (PIMENTA, 2009; DAMO, 2006) – continuam lá. Contudo, no que diz respeito a outras paisagens – como a pavimentação da estrada e as tecnologias – evidencia-se também uma mudança estrutural da paisagem.

O terceiro e último ponto que consideramos crucial como mudança nas relações sociais entre clube e comunidade é o número de torcedores que comparecem aos jogos atualmente. É evidente que muitos dos fatores já levantados aqui influenciaram nesse quesito, já que as questões aqui expostas estão correlacionadas.

---

<sup>103</sup> De acordo com Pimenta (2009, p.02), “a ‘pelada’ caracteriza-se principalmente pela espontaneidade na organização dos jogos – mormente realizados entre amigos ou vizinhos e moradores de um mesmo bairro”. Sobre a “pelada” (bricolagem), nas palavras de Damo (2006, p.09), “joga-se com o que se dispõe, adequando-se as regras e os recursos materiais”.

Como relata Guega (2011), as famílias não vão mais tanto ao campo como iam antes, pois o S.C Barrense possui poucos jogadores da comunidade e esse fator é reforçado pela televisão, que afastou as pessoas dos jogos:

Na época o torcedor era mais chegado ao clube, os campos de futebol na época, eu me lembro muito bem, nos amistosos enchiam, lotavam. Agora, na minha opinião vai menos público ao campo do que antigamente. Porque antigamente o clube era da comunidade, quem jogava era da comunidade, então se eu jogasse meu pai ia, minha mãe ia, meus irmãos iam. Agora não, o Barrense 90% são jogadores de fora, então isso aí não chama muito a atenção da comunidade. Vão por que gostam, mas não tem aquele amor que tinha como antigamente.

Beto (2011) corrobora com o relato de Guega (2011) dizendo:

Os tempos são outros né, tu não tinha outro tipo de lazer, agora tem a questão da televisão, do próprio campeonato brasileiro, que as vezes tem jogos da dupla Gre-Nal daí já tira um pouco de gente do campo. Mas eu acredito que naquela época poderia ir mais gente porque como era o pessoal só do lugar daí ia todo mundo. O que acontecia, tu tinha o filho, aí já ia o pai, a mãe, o cara tem a namorada, já ia a namorada, o tio, envolvia mais o pessoal da comunidade. O que acontece hoje, de vir muitos jogadores de fora, o pessoal não vai tanto porque não tem aquele envolvimento da família. Por isso eu acho que hoje tem menos gente no futebol amador aqui do Norte.

Essas questões expostas pelos depoentes também são compartilhadas por boa parte da comunidade e podem ser constatadas em conversas informais, nos mais variados espaços da localidade. Contudo, há um fator que não foi levantado pelos depoentes, mas surgiu diversas vezes nas conversas informais, que é o aumento considerável do número de pessoas que se converteram à religião evangélica no município de São José do Norte. De acordo com os nativos, essa questão afastou muitas pessoas dos campos de futebol, já que essa religião não permite tal prática.

Portanto, percebe-se que diferentes questões que caracterizam as mudanças mais perceptíveis no futebol amador – não só do S.C Barrense, mas de São José do Norte –, foram causadas por distintos, mas correlacionados, fenômenos sociais. Assim, podemos dizer que esse futebol teve que se adaptar e, provavelmente, vai ter que continuar se adaptando de acordo com as transformações sociais que o permeiam.

## 8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O S.C Barrense se caracterizava como um clube comunitário, que realizava partidas amistosas, passando a frequentar, nos anos 80, o campeonato municipal com um time formado por jogadores da comunidade e que não fazia parte da elite do futebol nortense.

Além disso, o clube tinha uma função social muito marcante, com suas ações de entretenimento, como a realização de bailes, desfiles, festas, jogos na sede, bingos, entre outros.

Depois de mais de uma década disputando o campeonato de futebol amador de São José do Norte a concepção de se fazer futebol na Povoação da Barra passa por uma transformação, principalmente a partir de meados dos anos 90.

De um clube social e comunitário, além de mero coadjuvante no certame municipal, o S.C Barrense passa a deixar, aos poucos, suas ações sociais em segundo plano e começa a investir em jogadores de fora da localidade, formando equipes competitivas. Assim, o S.C Barrense deixa de ser um clube social e passa a ser um clube de futebol vencedor, que ganha títulos, figurando definitivamente entre os maiores clubes do município.

Fica a impressão de que o clube não planejou essas mudanças, mas que elas se mostraram necessárias de acordo com as transformações sociais pelas quais a comunidade acabou sendo envolvida.

Assim, o estudo a respeito das transformações sócio/históricas do S.C Barrense, demonstrou que o futebol, através do clube, passou a ter outro significado para a comunidade. Ele precisou ser reinventado, no modo de se promover o futebol, no interesse do clube dentro do campeonato, na sua relação de pertencimento com a comunidade, no significado da rivalidade, no aproveitamento de jogadores da localidade e na aquisição de talentos de fora.

Por todas essas “metamorfoses do espaço habitado” (SANTOS, 1988, p.37) é que se faz necessário estudar, registrar e narrar os acontecimentos sócio-históricos de um clube de futebol em particular, que representa uma comunidade específica (Sport Club Barrense/Povoação da Barra). Afinal, o clube é um fragmento do próprio bairro, pois ambos se condicionam mutuamente (RIGO, 2007).

Portanto, esse estudo se fomenta não como um juízo de valor, como uma crítica valorativa das mudanças apresentadas, mas como um processo de análise e entendimento dessas mudanças, já que, nas palavras de Edmilson Santos (2007, p. 212), “sem a referência do que fomos, como poderemos saber em que nos transformamos ou compreender o que está acontecendo?”

### Referências:

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DAMATTA, R. 1994. Antropologia do Óbvio. In: *Dossiê 22 Futebol. Revista USP*. nº 22, p. 10-17. jun/ago.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. 2003. Disponível em:  
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/2807/1422>>. Acesso em 24/10/2010.

\_\_\_\_\_, Arlei Sander. Senso de jogo. 2006. Disponível em:  
<<http://www.lazer.eefd.ufri.br/espsoc/pdf/es103.pdf>>. Acesso em 30/03/2011.

GASOSA. In: LUFT, Celso Pedro. Minidicionário Luft – 21ª Ed. – São Paulo: Ática, 2005. 760p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico In: **Garimpando memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. (Org.) Goellner. SV. e Jaeger, AA. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 13-26.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo et al. **História Oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. **História oral**, v. 10, n. 1, p. 27-42, jan-jun. 2007.

MOURA, Danieli Velela. Molhes da Barra do Porto do Rio Grande: das origens à atualidade, uma obra repleta de histórias. Disponível em:  
<<http://www.webartigos.com/autores/danielimoura/>>. Acesso em 26/12/2011.

PIMENTA, Rosângela. Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana. **XII Simpósio Internacional Processo Civilizador – Civilização e Contemporaneidade**, novembro de 2009, Recife.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática** 10/1: 83-98, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_, Luiz Carlos, et al. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 155-179, julho/setembro de 2010.

SANTOS, Ana Clara Tissot dos. **Folha do Norte**, São José do Norte, 30 de dezembro de 1995. Opinião, p.02. Trovoada em pleno sol.

SANTOS, Edmilson. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 47, p.203-215, 2007. Editora UFPR.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Editora Hucitec, São Paulo, 1988. 124p

## **FONTES:**

### **Jornais**

Folha do Norte, ano II, de 30 de dezembro de 1995.

Folha do Norte, ano III, de 01 de novembro de 1996.

### **Imagens**

<<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-br&biw=1280&bih=607&q=povoa%C3%A7%C3%A3o%20da%20barra&um=1&ie=UTF-8&sa=N&tab=wl>>, acesso em 07/03/2011.

### **Documentos**

Livro de Atas do Sport Club Barrense, 1931 a 2009.

Súmula do jogo entre G.E Beira-Mar e S.C Barrense, do dia 28/07/1991, válido pela 4ª rodada, do 2º turno, da 1ª fase do campeonato municipal de 1991.

Registros da biblioteca pública Delfina da Cunha – São José do Norte.

### **Depoimentos orais**

Altair Marques da Costa (Guega, 60 anos, Povoação da Barra/São José do Norte, entrevista realizada em 10/12/2011).

Luiz Roberto Novo Neves (Beto, 42 anos, Povoação da Barra/São José do Norte, entrevista realizada em 11/12/2011).

Luiz Costa da Silveira (Seu Luiz, 73 anos, São José do Norte, entrevista realizada em 16/12/2011).

## CONCLUSÃO

O futebol é constituído por uma gama infindável de acontecimentos, relações sociais, conflitos, envolvimento e, mesmo sendo uma prática com regras universais, possui peculiaridades de acordo com cada região, cada comunidade.

Foi nesse sentido – de discorrer sobre um futebol específico, particular e, até certo ponto, desconhecido fora dos limites de São José do Norte – que esse trabalho pretende distanciar-se, como discorre Soares (2001), de algumas produções “tradicionais” sobre o tema, como as que se dedicam a discutir a introdução do futebol no Brasil, sua popularização, o papel central do negro nesse processo, e outros.

Nessa premissa, esse estudo não pretendeu focar-se em um tema específico, como as relações e influências étnicas, de gênero ou ainda a questão da violência no futebol nortense, por exemplo, o que talvez caiba em outras análises, mas, propôs uma descrição e análise mais geral, de fatos e acontecimentos desse futebol, objetivando compreender como se constitui o futebol amador de São José do Norte, assim como o significado desse futebol para a comunidade local.

As histórias do campeonato de futebol amador de São José do Norte e do Sport Club Barrense nos mostraram uma série de transformações no futebol do município e do clube, especificamente, tanto no que diz respeito à competição, como na relação dos clubes com as comunidades, as rivalidades, assim como a influência das mudanças sociais e econômicas – como a dinâmica no cultivo da cebola –, e as infraestruturas urbanas e tecnológicas, que interferiram na competição e nas agremiações.

Alcançamos alguns pontos importantes que ajudaram a compreender as dinâmicas das relações sociais e dos acontecimentos históricos que permeiam e constituem o futebol amador de São José do Norte.

No que diz respeito ao campeonato de futebol, questões como a economia da cebola, demonstraram uma relação direta com o ápice de tal cultivo e o expressivo número de clubes participantes do campeonato municipal, assim como a estrutura organizada e quase profissional de alguns clubes nesse período. Por outro lado, a crise econômica da cebolicultura culminou, como nos demonstraram os dados, com o período em que diversas agremiações encerraram suas atividades ou licenciaram-se do campeonato.

Outro tema abarcado no estudo foi a introdução de jogadores de outros municípios no campeonato de futebol amador de São José do Norte, já que tal tema traz uma constante discussão no meio futebolístico nortense, com parte dos desportistas criticando e outra aceitando ou defendendo a introdução dos outsiders no futebol local.

Os fatos supracitados remetem a outra análise, que é a questão do pertencimento das comunidades em relação aos clubes. O declínio da produção da cebola – o que provocou o êxodo rural – desencadeou uma crise no futebol, já que nesse mesmo período diversos clubes ficaram inativos ou licenciaram-se do campeonato. A transição de uma cidade rural para uma cidade urbana fez com que as comunidades interioranas diminuíssem suas populações e, conseqüentemente, o número de jogadores e de pessoas interessadas em dirigir os clubes.

Esse fator foi uma das causas do aumento de outsiders nas agremiações. O grande número de jogadores desconhecidos nas equipes, que em princípio possuem uma menor relação com as comunidades e com os clubes, transformou ou reinventou essa relação de pertencimento das comunidades com seus clubes. Ou seja, foram fatores interligados – crise da cebola/êxodo rural/introdução dos outsiders/pertencimento – que acarretaram tal relação.

No que tange à história e às transformações nas relações sócio-históricas do Sport Club Barrense, percebemos, prioritariamente, que o clube passou por dois momentos distintos ao longo da sua história.

De um clube com forte apelo comunitário até o início dos anos 90, em que centrava a produção das principais relações de sociabilidades da comunidade da Povoação da Barra, com distintos eventos em sua sede social – bailes, desfiles, bingos, jantares, jogos, entre outros –, o clube passa a partir de meados dos anos 90 a investir em equipes competitivas, visando a conquista de títulos. Assim, o clube passa de mero participante do campeonato nos anos 80 e começo dos 90, a uma das equipes mais vitoriosas da última década.

As transformações do espaço na Povoação da Barra, como a pavimentação da estrada que dá acesso ao centro de São José do Norte, e a inserção de novas tecnologias – internet e canais de televisão via satélite, por exemplo – possibilitaram outros meios de entretenimento à comunidade, afastando os sujeitos da sede do clube e da prática do futebol – “pelada” – nos campinhos da localidade.



Com isso, a sede do S.C Barrense deixou de ser, com exceção dos jogos aos domingos, um ponto de encontro, de sociabilidade. Além disso, a falta de interesse na prática do futebol, em relação a outras formas de entretenimento, provocou a escassez de jogadores na comunidade, acelerando o processo de busca dos outsiders e aumentando a incidência desses na composição da equipe, somado ao interesse dos dirigentes em montar equipes competitivas.

Esses fatos foram verificados através do estudo embasado nas relações sócio-históricas do S.C Barrense, mas que podem ser remetidas, guardadas as particularidades, a outros clubes do município, que sofreram processos semelhantes.

No entanto, esse futebol possui outros tantos acontecimentos e pontos a serem discutidos que não foram possíveis, pela delimitação do tema, de serem abarcados nesse estudo. Entre eles estão as histórias de cada clube do município – o que mereceria uma pesquisa exclusiva para tal fim –; os clubes que foram fundados por divergências de outro – há uma série de exemplos em São José do Norte –; uma análise mais dedicada ao período em que clubes da cidade de São José do Norte possuíam um regime quase profissional também merece atenção; o momento histórico em que esses mesmos clubes disputavam o campeonato de futebol amador da cidade do Rio Grande e também o estadual de amadores; sem falar nos “causos” do futebol nortense.

Logo, esse estudo demonstrou parte dessa história, mas ainda existem outros temas, outros acontecimentos, que devem ser registrados, narrados e problematizados, para que o futebol de São José do Norte mantenha-se ativo e a história desse continue sendo contada por seus torcedores, dirigentes, jogadores, profissionais da mídia ou simplesmente meros simpatizantes.

Faz-se necessário que esse futebol seja pensado e considerado pelos desportistas e pelo poder público, como uma atividade que está para além da prática do jogo, pois é um momento que envolve uma série de culturas, uma série de relações sociais e uma infinidade de sujeitos que constituem cada clube, cada comunidade.

## **NOTAS FINAIS**

### **Fim de jogo, mas só por enquanto!**

Assim como discorre a crônica que abre esse trabalho, o meu futebol, ao invés dos pés, passou a ser jogado com a ponta da caneta ou, para ser mais fiel ao momento, com as teclas do computador. Mas esse jogo, apesar de diferente, não deixa de ser – para os que gostam – menos atrativo e emocionante. Jogar, torcer, falar, discutir e estudar futebol é fascinante, encantador. Talvez mais ainda para quem viva o futebol de perto, de dentro, que sente na alma.

Lá no campo temos o treinador, aqui temos o orientador; lá no campo temos os outros jogadores para nos auxiliarem, aqui temos os livros, os artigos, os jornais, que como os jogadores em campo ocupam cada um sua função no contexto; lá no campo temos a torcida que nos apoia ou nos xinga e aqui temos os depoentes, que como as torcidas nos causam um frisson a cada palavra proferida.

Cada capítulo finalizado é a comemoração de um gol ou a defesa de um pênalti e o fechamento, por enquanto, do estudo, assim como na final de um campeonato, se assemelha ao gesto de erguer a taça e gritar: É CAMPEÃO!

## Referências

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DAMATTA, R. 1994. Antropologia do Óbvio. In: *Dossiê 22 Futebol. Revista USP*. nº 22, p. 10-17. jun/ago.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. Disponível em:  
<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/2807/1422>>. Acesso em 24/10/2010.

\_\_\_\_\_, Arlei Sander. Senso de jogo. Disponível em:  
<<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es103.pdf>>. Acesso em 30/03/2011.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GASOSA. In: LUFT, Celso Pedro. Minidicionário Luft – 21ª Ed. – São Paulo: Ática, 2005. 760p.

GASTALDO, Édson Luis et al. Futebol, Mídia e Sociabilidade – uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Ideias**, ano 3 – nº 43 – 2005. Unisinos, São Leopoldo.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico In: **Garimpando memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. (Org.) Goellner. SV. e Jaeger, AA. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 13-26.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo et al. **História Oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. São Paulo: Humanitas, 1998.

MACHADO, Maria Elvira Silveira & RIVERA, Mara Rúbia Pinho (Org.). **São José do Norte**: terra de águas claras e areias brancas. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.

MEIHY. José Carlos Sebe Bom. Desafios da historia oral latino-americana: o caso do Brasil. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et al (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 85-97.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. **História oral**, v. 10, n. 1, p. 27-42, jan-jun. 2007.

MOURA, Danieli Velela. Molhes da Barra do Porto do Rio Grande: das origens à atualidade, uma obra repleta de histórias. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/autores/danielimoura/>>. Acesso em 26/12/2011.

MURADÁS, Jones. **A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul** – análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional. 2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIMENTA, Rosângela. Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana. **XII Simpósio Internacional Processo Civilizador – Civilização e Contemporaneidade**, novembro de 2009, Recife.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática** 10/1: 83-98, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_, Luiz Carlos, et al. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 155-179, julho/setembro de 2010.

SANTOS, Ana Clara Tissot dos. **Folha do Norte**, São José do Norte, 30 de dezembro de 1995. Opinião, p.02. Trovoada em pleno sol.

SANTOS, Edmilson. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 47, p.203-215, 2007. Editora UFPR.

SANTOS, Jefferson Rodrigues dos. **Previdência Rural e suas interações com a realidade local**: impactos territoriais em São José do Norte. 2006. 331f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_, Jefferson Rodrigues dos. Análise do processo de especialização produtiva e da crise do sistema de produção de cebola em São José do Norte – RS. **Sinergia**, Rio Grande, 11(2): 53-65, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Editora Hucitec, São Paulo, 1988. 124p

SCHWARZSTEIN, Dora. Desafios da história oral latino americana. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et al (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 99-103.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

THOMSON, Alistair. Aos cinqüenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes et al (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 47-65.

## **FONTES:**

### **Jornais**

Folha do Norte. Ano I, 05 de março de 1994.

Folha do Norte. Ano II, 30 de dezembro de 1995.

Folha do Norte. Ano II, 13 de janeiro de 1996.

Folha do Norte. Ano II, 16 de março de 1996.

Folha do Norte. Ano II, 21 de março de 1996.

Folha do Norte. Ano III, 01 de novembro de 1996.

Folha do Norte. Ano XVI, agosto de 2009.

Jornal Agora. Ano 35, 06 de abril de 2010.

### **Endereços Eletrônicos**

<<http://www.futeboldesjn.blogspot.com>>, acesso em 15/11/2011.

<<http://www.ibge.gov.br>>, acesso em 08/03/2011.

<<http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com>>, acesso em 12/10/2011.

<<http://www.saojosedonorte-rs.com.br>>, acesso em 08/03/2011.

<<http://www.vibesul.net>>, acesso em 20/01/2011.

### **Documentos**

Lei Municipal nº 14, de 15 de outubro de 1969.

Livro de Atas do Sport Club Barrense, 1931 a 2009.

Registros da biblioteca pública Delfina da Cunha – São José do Norte.

Registros do Departamento Municipal de Esportes.

Registros do Sport Club Barrense.

Regulamento do Campeonato Nortense de Futebol Amador, 2002.

Requerimento nº002/2010, Câmara Municipal de São José do Norte.

Súmula do jogo entre G.E Beira-Mar e S.C Barrense, do dia 28/07/1991, válido pela 4ª rodada, do 2º turno, da 1ª fase do campeonato municipal de 1991.

## **Imagens**

<<http://maps.google.com.br/maps?hl=pt-br&biw=1280&bih=607&q=povoa%C3%A7%C3%A3o%20da%20barra&um=1&ie=UTF-8&sa=N&tab=wl>>, acesso em 07/03/2011.

## **Depoimentos orais**

Ademir Marques Maio (MAIO, 65 anos, entrevista realizada em 22/12/2011, na cidade do Rio Grande).

Altair Marques da Costa (Guega, 60 anos, entrevista realizada em 10/12/2011, na localidade da Povoação da Barra/São José do Norte).

Guaracy do Amaral Ferrari (FERRARI, 82 anos, entrevista realizada em 26/07/2010, na cidade do Rio Grande).

Luiz Costa da Silveira (Seu Luiz, 73 anos, entrevista realizada em 16/12/2011, na cidade de São José do Norte).

Luiz Roberto Novo Neves (Beto, 42 anos, entrevista realizada em 11/12/2011, na localidade da Povoação da Barra/São José do Norte).

Oswaldir Silva dos Santos (SANTOS, 63 anos, entrevista realizada em 23/07/2010, na cidade do Rio Grande).

## ANEXOS



Foto aérea que mostra a proximidade entre as localidades da Povoação da Barra e da Quinta Secção da Barra, com os campos do S.C Barrense e do G.E Beira-Mar circundados em verde e vermelho respectivamente. As localidades ficam à margem da Laguna dos Patos e próximas, como aparece no canto inferior direito, ao Oceano Atlântico – Praia do Mar Grosso (Foto: Prof. Dr. Alois Schäfer, Universidade de Caxias do Sul – UCS – 2008).



Localidade da Povoação da Barra, pequena comunidade de pescadores, distante cerca de 16 km do centro de São José do Norte (Foto: [www.saojosedonorte-rs.com.br](http://www.saojosedonorte-rs.com.br)).





Balsa que faz o transporte de veículos entre as cidades de São José do Norte e Rio Grande (Foto do autor).



Uma das lanchas que faz o transporte de passageiros entre as cidades de São José do Norte e Rio Grande (Foto do autor).





Vista da chegada, via Laguna dos Patos, na cidade de São José do Norte (Foto do autor).



Vista aérea da cidade de São José do Norte com o campo do Liberal F.B.C localizado no centro da cidade. Na parte inferior a Laguna dos Patos margeando a cidade e na parte superior o Oceano Atlântico – Praia do Mar Grosso (Foto: [www.vibesul.net](http://www.vibesul.net)).



Sede do Sport Club Barrense com a discoteca do clube, Super Vison (Foto do autor).



Torcida do S.C Barrense no campo do G.E Beira-Mar na final do campeonato de 2010 em que S.C Barrense conquistou o penta campeonato (Foto do autor).





Equipe do S.C Barrense em 1978. Em pé: Elieser, Chico, Mosinho, Cico, Camarão e Léo. Agachados: Cilinha, Flávio, Baco, Tioti e Zé. As meninas são Flávia Reyes da Costa e Simone Costa da Cunha (Foto: arquivo do clube).



Time do S.C Barrense em 1997, ano da conquista do primeiro título municipal. Em pé: Ratinho, Gelson, Renato, Léo, Gravatá, Nequinho, Gica, Scott, Amélio, Paulo Cesar, Toninho, Marquinhos. Agachados: Renê, Salort, Luizinho, Jujuca, Márcio, Lari, Gilsão, Jorge e Teddy. Deitado: Pandeiro (Foto: arquivo do clube).



Equipe do Apolo F.C em 1975, time da cidade de São José do Norte que deixou de existir na década de 80. Em pé: Polaco, Larri, Marco Aurélio (CACO), Guaraci, Beiço, Reep e Ilmo Fonseca. Agachados: Mainar, Baia, Liquinho, Canivete, Danilo Pinheiro, Canelinha, Bat Guel e Banguzinho (Foto: [www.joaowaldirpenabola.blogspot.com](http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com)).



Equipe do Grupo dos 18 em 1957, time da cidade de São José do Norte que não existe mais. Formação da esquerda para direita: Alípio, Guilherme Costa Neto, Raimundo Porto, Elias Amorim, Paulo Petrone, Geraldino Saraiva, Arnóbio Lemos, Renato, Bebeto Malta, Ratão e Iracildo (Foto: [www.joaowaldirpenabola.blogspot.com](http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com)).





Equipe do E.C Marcílio Dias em 1972, time da cidade de São José do Norte que não existe mais. Em pé: Arnóbio Lemos, Alípio Monteiro, Baia, Divino, Calunga, Boião, Antoninho Bufinha, Hamilton Cabral e Sorá. Agachados: Inácio Terra, Pirulito, Dedão, Renato, Léle, Cesinha e Lampião (Foto: [www.joaowaldirpenabola.blogspot.com](http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com)).



Equipe do E.C Bujuru em 1983, ano em que o clube conquistou seu terceiro título municipal. O clube permanece em atividade. Em pé: Rochinho, Airton, Ivanci, Orlando Paladino, Abé, José Adão (Durinho). Agachados: Nedinho, Geraldino, Jomar, Gilnei, Jair Machado. (Foto: [www.joaowaldirpenabola.blogspot.com](http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com)).



Equipe do E.C Oriente em 1975, ano em que o time da localidade do Retovado conquistou seu sexto título municipal, o clube permanece em atividade. Em pé: Tita, Manca, Zé Oliveira, Zeny Oliveira, Clair, Nilton e Valdyr Pereira. Agachados: Barrigudo, Nilso, Zé Álvaro, Janga e Zeloir Oiveira (Foto: [www.joaowaldirpenabola.blogspot.com](http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com)).



Equipe do Ferrari F.C em 1966, time da cidade de São José do Norte, época em que o clube possuía uma estrutura quase profissional; o clube deixou de existir nos anos 90 (Foto: [www.joaowaldirpenabola.blogspot.com](http://www.joaowaldirpenabola.blogspot.com)).